



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS

CURSO: PSICOLOGIA

**A LINGUAGEM DO ADOLESCENTE INSTITUCIONALIZADO
NO CESAMI COMO CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE**

GABRIELA DOS SANTOS SILVA

**BRASÍLIA
JUNHO/2006**

GABRIELA DOS SANTOS SILVA

A LINGUAGEM DO ADOLESCENTE
INSTITUCIONALIZADO NO CESAMI COMO
CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Monografia apresentada como requisito
para a conclusão do curso de Psicologia
do UniCEUB – Centro Universitário de
Brasília.

Prof. (a) orientador (a) Cynthia Ciarallo.

Brasília/DF, Junho de 2006.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado sabedoria e discernimento ao longo de buscas e caminhadas ao longo de minha vida.

Aos meus pais, que embora tudo que já tenha acontecido sempre acreditaram no meu crescimento e me apoiaram do jeito deles. Acredito que sem a dedicação de ambos e as intensas broncas não seria quem sou atualmente. Amo vocês!!!

À minha querida amiga Lili, companheira de todas as horas, principalmente nas madrugadas em *Messenger* fazendo trabalhos da faculdade. Amiga, muito obrigada por você fazer parte de minha vida de uma forma tão intensa. Seu companheirismo me ajudou a ser mais disciplinada e ter mais vontade de buscar meus objetivos. Sinto muito sua falta, mas em breve estaremos juntas novamente.

Querida amiga mistério, agradeço a você por me apoiar quando pensei em desistir. Você é a responsável por fazer surgir em minha vida a serenidade, a ponderar as situações e principalmente, visualizar que para tudo tem um jeito. Obrigada por ter um cantinho especial em seu coração.

À minha querida orientadora Cynthia. *Chica*, obrigada pela paciência, confiança e por transformar nossas orientações em momentos de pura diversão. Sua querida *Hello Kitty* jamais esquecerá que você foi uma das pessoas responsáveis pelo meu crescimento profissional. Obrigada mais uma vez por acreditar no meu potencial.

Amiga desgrosa (hehehehe). Essa é guerreira por me agüentar em momentos de angústia e ansiedade. Você é muito especial em minha vida e responsável por cada mudança existente. *Friends forever!!!!* Em breve estaremos juntas no nosso consultório.

Quanto a essas pessoas não sei bem ao certo o que dizer. Vamos por parte. Kellen, com seu jeitinho malquinho de ser revelou-me uma companheira de trabalho formidável. Você me ensinou a ser quem sou independente da situação ocorrida. Agradeço-te pela imensa ajuda dada nesse período conturbado e pela grande oportunidade em ter você como colega de trabalho. Te amo!!!

Jorge, não tenho palavras para dizer o quanto você é e sempre será importante em minha vida pessoal e profissional. Com você, aprendi a “desenvolver um olhar de fora da situação” não esquecendo dos esquemas de reforçamento, sejam eles quais forem. Meu querido “all nose face”, meu irmão, meu camarada, meu brother, meu supervisor tudo que sou hoje devo ao tempo que trabalhamos juntos (direta e indiretamente) e pode ter certeza que o tamanho de sua pessoa é imensurável. Terás sempre um lugarzinho no coração da Chamex Crazy But. Amo você amigo!!!

Waldir, você também foi responsável por abrir a porta da gaiola de um passarinho ávido por voar. Sua imensa sabedoria propiciou que a sementinha brotasse e se transformasse numa bela árvore ainda com frutos verdes. Quero te dizer que é e sempre será importante em minha vida. Amo você!!!!

Paty beijo, mistura de mulher, mãe, amiga, supervisora. Cresci muito com as nossas supervisões ao ar livre e pela companhia é claro.

Bruno, autor da Chamex Crazy But, fundamental e carinhosa pessoa para mim. Agradeço pelas “lombas” erradas no horário de almoço e pela supervisão dada quando não tinha a quem recorrer. Foi a partir daí que pude perceber o grande profissional e amigo que és. Adoro você “Boto Rosa”, ou melhor, dizendo, “Peroba’s face”.

Meu grande querido Guti, não somos os mais íntimos amigos, mas reconheço a grande pessoa que és. Valeu pela “ajuda penal com os artigos”, foi de extrema valia sua ajuda.

Ao querido Padre Manollo pela oportunização desta pesquisa. Com certeza se não fosse pelo seu incentivo e amizade não teria descoberto a grande paixão da minha vida.

Este agradecimento é especialmente destinado aos meus meninos queridos do CESAMI, responsáveis por a cada dia me tornar uma profissional mais apaixonada pelo que faço e por aprender que devemos dar valor ao pouco que temos nessa vida. Segue a grande homenagem aos meus queridos “chegados”:

GIRASSOL NA FITA

Se inicia mais um dia no CESAMI
Aqui é girassol e não se engane
Dia a pós-dia
Só tem correria
Quer nos conhecer
Então vem
Você verá
Não somos pior do que ninguém
Apenas vacilamos
Cometemos enganos
Mas quem nunca se enganou
Aqui tem muito nego feroz
Mas não vacila não
Aqui é girassol
É NOIS!!
Muitos nos julgam
Nos maltratam
Não se liga
Nem se importa
Não enxerga
Ninguém vive atrás da porta
Será que um dia isso vai acabar
Se continuar no mundo do crime
Minha vida vão levar
Às vezes paro e penso
O que pode acontecer comigo
Só sei que preciso parar
Estou iludido
Escolhi o pior caminho
Não quero isso para mim
Nem para ninguém
Só vejo morte no fim
Muitos se foram
Para nunca mais voltar
Acredito que numa boa vão estar
Hoje estou aqui
Preso e isolado

Sem parceiros
Sem aliado
Peço para que Deus venha nos ajudar
Nos dias de visita
Venha nos consolar
Pois quando olho para o rosto de minha mãe
Me dá vontade de chorar
Aquele rosto abatido
Eu fico a pensar
O que ela está sentindo
Vendo seu filho
Cada vez mais se afundar
Será que um dia isso vai passar
Deste pesadelo quero acordar
Quando penso na ruera
Nos meus manos
E nas minas
Uns na correria
Outros se drogando
Ficando cada vez mais distante
Se afundando numa viagem alucinante
Às vezes paro e rezo para os manos que se foram
Espero que um dia tudo possa mudar
Penso em um mundo melhor
Sem desigualdade social
Sem guerras
Sem tretas
Todos unidos na moral
Uma coisa vou te dizer
Aqui na terra
Ninguém é melhor que ninguém
Para aqueles que duvidam
Pode vim que tem
Para aqueles que me odeiam
Eu digo não sou pior que ninguém
Somos pessoas normais
Só queremos paz
Um abraço forte de nossos pais
E tem mais
Para sair dessa situação
Vamos fazer revolução
Revolução pessoal
Revolução da moral
Pois nada disso me faz mal
Para molecada drogada
Dizemos
Isso não tá com nada
Siga outra estrada
Ou cavará sua vala
Do outro lado da mira

Suicida
Então vamos estudar
Vamos questionar
Refletir para depois agir
Deste modo
Na hora de argumentar
Tu vai ter o que falar
Muita idéia para trocar
Um futuro a trilhar
Nós não paramos de rimar
O girassol está no ar
E eu só peço a Deus
Que venha nos ajudar
Pois aqui no CESAMI
Estou cansado de chorar
Não quero mais vacilar
Pretendo minha vida mudar
Hoje começo a me conscientizar
Vida do crime / jogo de azar
Quero parar recomeçar
Deus vem me ajudar
Se minha mudança é pouco
Então ajude todo louco
Que assim como eu
Já se arrependeu
Nos ajude Deus
REF: Chepa e jega
Não atrapalha embalista
Aqui é girassol
Mudança sem pistas

Turma Girassol

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Agradecimento. | 03 |
| Resumo | 08 |
| Introdução | 09 |
| Fundamentação Teórica | 13 |
| Capítulo I – Linguagem como estratégia de interação social | |
| Linguagem e Interação Social | 13 |
| <i>Rap</i> como Linguagem na Interação Social | 15 |
| Capítulo II – Adolescência e Desenvolvimento Humano | |
| Adolescência: conceito culturalmente construído | 18 |
| Adolescência: algumas abordagens teóricas | 19 |
| Capítulo III – Adolescência, Socialização e Linguagem | |
| Grupos Sociais: tribos e gangues | 24 |
| Uso da Linguagem na Manutenção de Laços Sociais | 27 |
| Metodologia | 30 |
| Contexto da Pesquisa | 30 |
| Descrição dos Sujeitos | 31 |
| Instrumento de Coleta de Dados | 32 |
| Procedimento e Coleta de Dados | 32 |
| Análise e Discussão dos Dados | 34 |
| Origem da Forma de Linguagem | 34 |
| Utilização da Linguagem | 37 |
| Formas de Aprendizado da Linguagem | 40 |
| Adaptação do Novato à Linguagem | 42 |
| Conclusão | 44 |
| Referências Bibliográficas | 45 |
| Apêndice | 48 |
| Instrumento de Coletas de Dados | 49 |
| Entrevista – Sujeito 1 | 50 |
| Entrevista – Sujeito 2 | 54 |
| Entrevista – Sujeito 3 | 56 |
| Entrevista – Sujeito 4 | 59 |
| Categorização | 61 |
| Glossário | 64 |

RESUMO

A presente pesquisa foi feita em uma instituição intitulada Centro Sócio Educativo Amigoniano (CESAMI). Esta é um centro de internação provisória com capacidade máxima de 120 adolescentes. Tem como objetivo desenvolver um projeto de atenção ao adolescente com suspeita de delito, encaminhado pela Vara da Infância e da Juventude/DF, num período máximo de 45 dias até que o Juiz tome decisão quanto à aplicação ou não de medida sócio-educativa como resposta ao ato infracional julgado. Foi realizada nos meses de Março a Junho de 2006 e teve a finalidade de fazer uma análise da linguagem do adolescente institucionalizado com base nos seguintes objetivos: verificar como se processa a adaptação em termos de convivência e sobrevivência dentro de grupos fechados; qual o sentido da utilização desta linguagem específica nestes grupos para manutenção de vínculos sociais. Para tanto se realizou primeiramente uma observação assistemática e ao mesmo tempo participante da rotina diárias destes adolescentes. Após isso, foram feitas entrevistas com quatro adolescentes da Turma Girassol (seguro). Diante disso estabeleceu-se categorias para posterior análise e verificação das hipóteses, a saber: origem da forma de linguagem; utilização da linguagem; formas de aprendizado da linguagem; adaptação do novato à linguagem. Além disso, foi criado um glossário durante o tempo de observação com expressões utilizadas no dia-a-dia destes adolescentes.

A presente pesquisa monográfica foi construída a partir de uma vivência prática junto à Instituição Centro Sócio Educativo Amigoniano (CESAMI). A participação da pesquisadora está relacionada a um programa de estágio que, até o presente momento, tem a duração de aproximadamente um ano. Dentro desta experiência, são atribuídos a mesma as seguintes atividades: acompanhar junto ao serviço social as dificuldades e avanços dos adolescentes; propor alternativas de encaminhamento; realizar intervenções específicas em casos especiais; participar das equipes técnicas; participar da elaboração de relatórios técnicos avaliativos dos adolescentes institucionalizados; realizar o acolhimento, junto ao departamento de serviço social, dos adolescentes que ingressam na Instituição; elaborar parecer psicológico baseado em coletas de dados – entrevistas e observação diária dos mesmos em atividades pedagógicas e recreativas – a serem apresentadas ao juizado e por fim, estruturar junto às equipes intereducativas programas que auxiliam o adolescente em seu processo reeducativo¹.

O Centro Sócio Educativo Amigoniano (CESAMI) é um centro ao qual a Secretaria de Ação Social (SEAS-GDF) confiou à Congregação dos Terceiros Capuchinhos de Nossa Senhora das Dores a missão de dirigi-lo e administrá-lo com a finalidade de desenvolver projeto de atenção ao adolescente em conflito com a lei, encaminhado pelo Juizado da Infância e da Juventude para cumprir a medida de internação provisória, com prazo máximo de 45 dias².

A orientação recebida pelo corpo técnico da instituição é que enquanto este adolescente estiver institucionalizado, garantir-se-à segurança, auxílio pedagógico e intereducativo necessários, fundamentados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e nos princípios amigonianos, a saber (Vives Aguilera, 1997):

“(...) acreditar na recuperação do jovem; acreditar na bondade natural das pessoas; tratá-los com misericórdia; educar o jovem em seu ambiente e com sentido realista da existência; o importante é o jovem e não o problema do

¹ Informações retiradas do Manual de Funções dos Funcionários do CESAMI, Janeiro/2004, p.55/56.

² O projeto aplicado no CESAMI desenvolve o programa de atendimento aos adolescentes institucionalizados provisoriamente por, no máximo 45 dias, de acordo com os artigos 108, caput, e 183 da Lei Federal 8069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente, aguardando trâmite legal do procedimento na vara especializada a infância e da juventude.

jovem; propiciar um ambiente familiar; educar através de jogos, atividades didáticas, recreativas, artísticas e estimulação da criatividade; atender à individualidade e direito à diferença; acolher o jovem como ele é e dar preferência pelos mais necessitados” (p.10).

Tudo isso é amparado na crença de que tais aspectos contribuirão para o desenvolvimento integral do adolescente e sua família, favorecendo o convívio social.

A filosofia pedagógica da Instituição CESAMI tem o propósito de que o adolescente, dentro do tempo de permanência nesta Instituição, possa encontrar um ambiente que permita identificar as influências que dificultam o convívio social e motivar o início de um projeto de vida para o mesmo e sua família. Para isso, realiza-se uma análise sistemática e sistêmica com visão preventiva, feita por uma equipe interdisciplinar e pedagógica das condições biopsicossociais do adolescente e de sua família. Assim, com uma intervenção interdisciplinar, orientações são oferecidas no intuito de reduzir fatores de risco que favoreçam a desadaptação no convívio social e melhore-se a qualidade de vida dos usuários do programa, ora em liberdade, ora numa medida sócio-educativa.

No decorrer da institucionalização do adolescente, pretende-se oferecer um acompanhamento psicológico, pedagógico e social, tanto ao adolescente quanto a sua família. Também, utilizam-se estratégias intereducativas (grupos sócio-terapêuticos) e pedagógicas que permitam realizar uma aproximação ao diagnóstico do adolescente e de sua família a partir de diferentes áreas de interação social. Essas informações servem de subsídios para o Juiz da Vara de Infância e da Juventude no momento da decisão do procedimento por ato infracional e aplicação de medida sócio-educativa.

Todo trabalho realizado na Instituição focaliza sua atenção no adolescente, ajudando-o a descobrir-se como sujeito de transformação, potencializando todas as suas capacidades para aprofundar-se nos valores de que uma pessoa necessita no convívio com a família e em sociedade. Com isso, uma das formas é dividir o grupo total de adolescentes em dez turmas de no máximo 14 adolescentes, cada uma acompanhada por uma equipe interdisciplinar de três educadores, um psicólogo, uma assistente social e um coordenador intereducativo.

Dentro deste grupo formado há uma rotina diária como atividades de recreação no pátio da Instituição, atividades em oficinas com material reciclado, artesanato, serigrafia, oficina da palavra (biblioteca) e artes plásticas. Além disso, tais

adolescentes possuem aulas de literatura e linguagem, cidadania e valores e projeto de vida. São nestes momentos em que há um contato mais direto entre pesquisadora e adolescentes acompanhados pela mesma enquanto é aguardada a decisão do Juiz por medida sócio educativa e, por meio deste contato é que se pode observá-los mais atenciosamente, partindo do vínculo que fora estabelecido enquanto tal adolescente encontra-se institucionalizado.

Este contato é diário, de forma que se pode perceber como se processa a convivência entre os adolescentes dentro da turma em que estão no CESAMI; a adaptação daqueles recém-chegados às normas e regras criadas e estabelecidas pelo grupo e pela Instituição; as formas como tais adolescentes se comunicam entre si; os tipos de expressões lingüísticas e corporais que costumam utilizar e que para os que não pertencem ao grupo mostram-se bem diferenciadas. Vale ressaltar ainda, a importância da função desses elementos na construção da identidade destes, uma vez que os mesmos em busca de uma identidade reproduzem, imitam ou estabelecem normas, expressões coloquiais e corporais próprias, formas específicas de comunicação como alternativas de contestação ou auto-afirmação (Levisky, 1997).

Tal contato com estes adolescentes gerou inquietações na pesquisadora no sentido de fazer uma análise do sentido/significado desta forma de comunicação específica utilizada. Tais inquietações surgiram a partir do contato que a mesma teve durante as atividades recreativas no pátio da Instituição como também em momentos em que os mesmos intitulam *estar de regalia no corredor*³, local este onde se preserva a individualidade e privacidade do adolescente.

A presente pesquisa monográfica foi construída no intuito de fazer uma análise da linguagem do adolescente que se encontra em conflito com a lei com base nos seguintes objetivos: verificar como se processa a adaptação em termos de convivência e sobrevivência dentro de grupos fechados; qual o sentido da utilização desta linguagem específica nestes grupos para manutenção de vínculos sociais. Para tanto, faz-se necessário entender e fazer outras leituras desta linguagem com base na análise do significado, uma vez que o adolescente em geral, não somente em contexto de conflito com a lei, cria novas palavras ou expressões, ou configura a palavra

³Este termo é um exemplo do tipo de expressões que são utilizadas pelos adolescentes e que está relacionado a um momento na rotina diária deles, onde os mesmos podem ficar fora dos alojamentos, no corredor da ala que se encontram desenvolvendo atividades recreativas, de higienização dos alojamentos ou de leitura.

existente uma nova referência, induzindo novos significados. Não se pode desconsiderar as leis próprias, histórias de vida, tradições, interesse, educação, nível sócio-econômico e, inclusive, as próprias expressões coloquiais já que os indivíduos se juntam muitas vezes em bandos, clubes ou diferentes tipos de grupos com códigos de comportamento, vestuário e linguagem definidos e específicos, a fim de poder ultrapassar o período conturbado da adolescência.

Para tanto se fez uma observação mais direta em contextos que foram explanados anteriormente de forma analisar os sentidos desta linguagem na construção de sua identidade. Dentro disso, pode-se dizer que a linguagem é a utilização dos elementos de uma língua como meio de comunicação entre indivíduos, de forma a verbalizar o que se pensa ou sente. Além disso, é por meio desta que os indivíduos apreendem valores, crenças e regras e a partir daí constituirão uma maneira específica de relacionar-se. Borges e Salomão (2003) mencionam que dentro do processo de linguagem é importante observar tanto o significado quanto o significante, pelo fato de se poder fazer diferentes leituras desta linguagem assim como perceber qual a sua funcionabilidade dentro do processo de relações interpessoais.

Vale ressaltar também que a linguagem utilizada pelos adolescentes foi incorporada pelos funcionários da Instituição para a denominação de momentos dentro da jornada pedagógica, assim como locais específicos da mesma, de forma que se perceba a unificação desta linguagem para melhor entendimento e convivência.

Tais aspectos serão mais bem abordados no desenvolvimento desta pesquisa monográfica, onde será falado sobre a linguagem como mecanismo de interação social, manutenção de laços sociais e sua importância para o desenvolvimento humano, contextualizando e especificando o adolescente em conflito com a lei em seu processo individual e grupal, e por fim, a construção de sua identidade de acordo com as influências exercidas.

CAPÍTULO I

LINGUAGEM COMO ESTRATÉGIA DE INTERAÇÃO SOCIAL

1.1 – Linguagem e interação social

Antes de uma teorização e discussão acerca da importância da linguagem dentro de processos de interação social, cabe fazer uma conceituação da mesma. Linguagem, segundo Ferreira (1999), representa o uso da palavra como meio de expressão e de comunicação entre pessoas, de acordo com as preferências de cada um, sem preocupação estética. Esta forma de comunicação é o sistema fundamental e primordial de criação e significação de realidades, experiências. É a partir da linguagem que uma comunidade constrói sua realidade, de forma a tornar-se um sistema que permita organizar e interpretar tal realidade, bem como coordenar suas ações de modo coerente e integrado. Traverso-Yépez (1999) complementa tal colocação mencionando que:

(...) a linguagem está presente em todas as formas de atividade humana. Constitui-se, assim, em um dos indicadores mais sensíveis dos processos de inter-relação e interação indivíduo-sociedade e permite-nos tomar contato com as contradições sociais e as posições de poder expressas nas palavras (p.43).

A linguagem é considerada a primeira forma de socialização de um indivíduo, pois é por meio desta que os indivíduos têm acesso a valores, crenças e regras e, desta forma, adquirem conhecimento acerca de sua cultura. Além disso, é pela linguagem que os indivíduos criam e estabelecem relações interpessoais e vínculos afetivos e os mantêm.

Nesse sentido, é importante mencionar uma contribuição feita pela teoria de Vygotsky (1996) sobre o desenvolvimento da linguagem na interação social e estabelecimento de vínculos, acerca de dois aspectos importantes – *significante* e *significado*. O *significante* diz respeito ao aspecto formal da linguagem, sendo construído pela junção hierárquica dos elementos – fonemas, palavras, orações e discurso. Já o *significado* refere-se ao aspecto funcional da linguagem, considerado como o responsável pela comunicação no meio social. Portanto, no presente estudo, pretende-se ater-se ao significado da linguagem dentro de grupos e na manutenção de

vínculos sociais, uma vez que, o significado da linguagem torna-se evidente a partir da interação social associado às suas capacidades intelectuais. Complementando essa idéia, Borges e Salomão (2003) salientam que o indivíduo adquire a linguagem a partir da interação de aspectos biológicos com os processos sociais. Com isso, a interação é um componente necessário para que o indivíduo adquira essa linguagem.

Toda reflexão feita anteriormente pode ser corroborada pela forma de comunicação estabelecida pelos adolescentes institucionalizados no CESAMI. É um tipo de linguagem específica que os mesmos aprenderam em decorrência do contato contínuo com a criminalidade e que segundo os próprios adolescentes iniciou-se no local onde residem. É por meio deste tipo de comunicação que o processo de interação social acontece entre estes adolescentes, uma vez que dispostos em turmas, necessitam se relacionar a fim de suprirem as conseqüências da privação de liberdade provisória e desta forma possam “puxar a cadeia de boa”⁴. Diante de todas as diferenças, sejam elas educacionais, afetivo-emocionais ou disponibilidade no sentido de apresentar vontade para realizar tal experiência, tais adolescentes tornam-se agentes propiciadores de aprendizagem e manutenção de vínculos afetivos e sociais por meio desta linguagem específica em gírias e que se dão pelo convívio e diálogo. Portanto, é na interação com o outro que os significados são construídos, desconstruídos e reconstruídos.

Santa-Clara, Ferro e Ferreira (2004), complementando o que fora mencionado acima, propõem ainda duas concepções de linguagem: linguagem como ferramenta de comunicação e linguagem como ação e interação que serão mais bem explicadas abaixo.

Na primeira concepção, a linguagem tem a função de transmitir informações do emissor para o receptor, em que a comunicação efetiva depende basicamente do processo de codificação e decodificação da linguagem. Então, é estabelecido que através da linguagem o indivíduo vá transmitir suas intenções comunicativas. Já na segunda concepção que envolve a ação e interação, a linguagem é tida como mecanismo de conhecimento, apoiando-se nos pressupostos de Vygotsky (p.337).

Tal citação retrata na prática como funciona a comunicação dos adolescentes no CESAMI. Esta é feita por meio do uso de gírias ou expressões que foram criadas

⁴ Expressão utilizada pelos adolescentes institucionalizados no CESAMI e que tem o significado de cumprir o tempo que estão na cadeia de forma tranqüila.

pelos próprios adolescentes ou que aprenderam por influência de outros, de forma que sempre existirá um emissor e um receptor de informações, e que ambos terão a responsabilidade em codificar e decodificar a linguagem que utilizam dentro da Instituição. Tal linguagem específica, muitas vezes, é tida como instrumento de manutenção desta interação dentro da turma, assim como quando tais adolescentes demonstram a intenção de burlar o entendimento dos demais que estão aquém do mundo em que os mesmos vivem. Com isso, os processos de interação social e o de aprendizagem pelas referências criadas nessa interação e na identidade tornam-se evidentes. As gírias utilizadas pelos adolescentes nascem como senhas de acesso às turmas e também como identificadores sociais, ou seja, como forma de identificação dos grupos em termos de atitudes, comportamentos, articulação de idéias e pensamentos.

Dentro desta linguagem utilizada por meio de gírias existe uma expressão musical denominada *rap* que enfoca muito da realidade vivenciada por tais adolescentes dentro dos processos de relacionamento interpessoal, assim como um mecanismo de propagação e manifestação da linguagem criada e usada pelos mesmos, mas que será mais bem explicada no item a seguir.

Portanto, a teoria de Vygotsky é clara e explicativa quando menciona que a linguagem não tem somente o papel de instrumento/ferramenta de comunicação. É uma atividade sócio-cultural, intersubjetiva, sendo o *outro* o elemento central na constituição do pensamento, como atividade compartilhada entre interlocutores.

1.2 – O Rap como linguagem na interação social

O *rap* é um estilo de música que tem origem afro-americana e aparece como uma reação da tradição *black*. Ele surge junto a outras linguagens artísticas, como a das artes plásticas, a do grafite, da dança – o *break* - e da discotecagem – o DJ, membro encarregado do *scratch* ⁵ e principal membro do grupo. Além desses participantes têm-se aqueles que cantam – os MC's⁶ e os dançarinos. O grupo formado por todos estes integrantes tornou-se um dos pilares da cultura *hip hop*,

⁵ *Scratch* é uma palavra da língua inglesa, cuja tradução é arranhar, mas que os rappers usam para se referir às colagens de músicas.

⁶ MC's é a designação de Mestre de Cerimônia. Este membro é o responsável por explorar as letras e dirigir as apresentações de *rap*.

fazendo da rua um espaço privilegiado da expressão cultural dos jovens pobres. Tal informação surgiu como resultado da observação participante da pesquisadora junto a um momento que os adolescentes têm com o Psicólogo da turma intitulado Grupo Terapêutico. Este oferecia, no momento, uma espécie de oficina de *hip hop* mencionando todo o aspecto teórico deste movimento para os adolescentes.

O *rap*, palavra formada pelas iniciais da expressão *rhythm and poetry* (ritmo e poesia), tem como fonte de produção a apropriação musical, sendo a música composta pela seleção e combinação de partes de faixas já gravadas, a fim de produzir uma nova música. “Mixando”⁷ os mais variados estilos da *black music*, o *rap* cria um som próprio, pesado e arrastado, no qual são utilizados apenas bateria, *scratch*, e voz. Mais tarde, essa técnica seria enriquecida com o surgimento do *sampler*⁸. Desde então, o *rap* aparece como um gênero musical que articula a tradição ancestral africana com a moderna tecnologia. Abramovay, Andrade, Rua e Waiselfisz (2002) complementam mencionando que:

o hip hop inclui o break (dança), o rap e o grafite, constituindo o que se chama street art. São diferentes formas de expressão, que fazem um sentido em conjunto, exprimindo a revolta dos adolescentes contra o sistema, contra a vida, a família, a pobreza, o local de moradia (p. 136).

O *rap* ainda exhibe um tipo de linguagem por meio de gírias, uma identidade tanto individual quanto coletiva, uma filosofia de vida aos adolescentes por meio de uma crítica elaborada e que expressa também o sentimento de pertença à sociedade ou a um grupo específico. Dentro dessa forma de linguagem existem influências tanto positivas quanto negativas, ou seja, existem algumas letras de *rap* que sugerem aos adolescentes a compra um revólver, que pratiquem roubos, que nunca mais exerçam atividades profissionais. Em contrapartida, existem outras letras que falam muito em buscar a paz, da procura de um sentido de uma vida melhor, tentando mostrar que há outros caminhos.

Tal colocação acima relatada pode ser frisada pelo que Nunes (2005) propõe: um idioma cultural refere-se a um conjunto de recursos, mecanismos e significantes que a cultura dispõe/cria de modo a permitir a articulação das experiências individuais e coletivas, produzindo-lhes sentido e ação concreta.

⁷ Mesclando, misturando.

⁸ Banco de dados que concentram diferentes tipos de ritmos e efeitos musicais e que normalmente são operados por computador.

Vale ressaltar que a afirmação feita por Nunes é pertinente a organização e da interação dos adolescentes dentro das turmas, uma vez que os mesmos aproveitam - se dessa “linguagem cantada” para permitir que os adolescentes integrantes possam estabelecer ou manter vínculos, compartilhando experiências pessoais e sociais. Com isso, pode-se inferir que o *rap*, enquanto tipo de linguagem exerce a função de mediador dentro das relações interpessoais e afetivas.

Este fato é muito presente entre os adolescentes do CESAMI, uma vez que os mesmos em muitas ocasiões utilizam-se das mensagens expostas no *rap* como instrumento de auto-afirmação ou instrumento que garanta *status* de “mais malandro”, conforme o próprio discurso dos adolescentes. Agora, existem aqueles que criam letras como opção de passar o tempo, unir interesses comuns e principalmente mostrar em eventos promovidos pelo próprio CESAMI (concursos de música) a identidade da turma em questão, ou seja, o resultado de uma interação social. Isso é confirmado por Nunes (2005) quando diz que: a principal mensagem é de uma afirmação do grupo, ou de si, pela reflexão, e não pela violência... (p. 412).

Portanto, se tem no *rap* um instrumento importante para se compreender um pouco a dinâmica do adolescente, em termos de influências, referências, sentido de pertença, construção de identidade tanto individual quanto coletiva. Tais aspectos serão mais bem trabalhados nos capítulos seguintes, no sentido de verificar como a linguagem específica que utilizam está inserida em tais fases. É importante frisar que o *rap* é tido como uma forma de expressão por meio da linguagem, mas que para a problemática da pesquisa não configura o principal elemento.

CAPÍTULO II

ADOLESCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

2.1 – Adolescência: conceito culturalmente construído

Falar em adolescência implica em uma conceituação construída culturalmente, não tendo assim uma definição mais aceita ou mais correta.

Segundo Ferreira (1999) a adolescência é um período da vida humana que sucede a infância, começando com a puberdade e que se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas, estendendo-se dos 12 aos 20 anos de idade. Complementando a definição dada por Aurélio, Outeiral (2003) dispõe que a adolescência é caracterizada como um fenômeno biopsicossocial com particularidades adequadas ao ambiente social, econômico e cultural em que o mesmo está inserido. Difere no aspecto que tange a iniciação e o possível término. Relata que existem três fases (Outeiral, 2003):

adolescência inicial (10 a 14 anos), fase esta caracterizada pelas transformações corporais e alterações psíquicas derivadas destes acontecimentos; adolescência média (14 a 17 anos) que tem como elemento central às questões relacionadas à sexualidade, em especial a passagem da bissexualidade para a heterossexualidade. Por fim, tem-se a adolescência final (17 a 20 anos) que tem vários elementos importantes tais como o estabelecimento de novos vínculos com os pais, questão profissional, aceitação do “novo” corpo e dos processos psíquicos do mundo adulto (p. 5).

Cabe ressaltar que essa divisão é meramente arbitrária, pois nos defrontamos com essa fase repleta de mudanças e conflitos corporais, sociais e psicológicos, além do fato de se terem adolescentes antes dos 10 anos de idade, assim como após os 20 anos de idade, o que ratifica a afirmação anteriormente mencionada de que não existe uma definição mais correta ou aceita e sim a complementação de experiências o que incorre no chamado conceito culturalmente construído e polissêmico. Diz-se culturalmente construído em decorrência da variação conceitual e estudos realizados acerca do início, término, influências sofridas pelo contexto social, individual, familiar e com isso delimitar de forma única tal conceituação.

2.2 – Adolescência: algumas abordagens teóricas

As teorias referentes à adolescência relacionam-se a ela como uma fase de transformação física e intelectual, e, também, de assinalar o fim da infância.

Não existe uma adolescência única e sim, várias. Existem sociedades nas quais a passagem da vida infantil para a adulta se faz gradativamente, ou seja, a criança recebe funções e direitos até que atinja plenamente a condição de adulto. Em outras sociedades existe um ritual de passagem, normalmente na puberdade, após o qual se conferem ao indivíduo todos os direitos e responsabilidades do adulto. Tais rituais muitas vezes envolvem sofrimento psíquico e físico, mais podem facilitar o processo de integração a sociedade adulta e favorecer o desenvolvimento da auto-estima, identidade e segurança no jovem.

Na sociedade ocidental, segundo Becker (1985), a adolescência vem se tornando um período cada vez mais longo e complexo. Em nossa cultura, corresponde a um período cada vez mais longo do que foi para os pais da atual geração, ou seja, os caracteres biológicos da atual geração diferem e muito da geração de nossos pais, sem deixar de frisar o desenvolvimento intelectual que vem sendo fortemente influenciado pela inovação tecnológica e a facilidade de estabelecer contato com este desenvolvimento. Alguns teóricos descritos neste capítulo chegam a um consenso quando falam da adolescência, mais divergem quanto a considerá-la como um estágio definido antes de tudo por influências internas e externas, além do seu início e provável término.

George Stanley Hall (conforme citado por Manning, 1997) criou a imagem do “*Storm and Drang*” (“Tempestade e Tensão”) para descrever a adolescência como época traumática da vida para todo o ser humano, levando em consideração que as transformações físicas da adolescência eram geneticamente determinadas, ele supôs que a conseqüente relação psicológica era universal e sujeita a não se modificar. As alterações abruptas e extremadas de sentimentos e humor no adolescente foram atribuídas principalmente às modificações internas.

Complementando os teóricos mencionados anteriormente e partindo da observação assistemática feita pela pesquisadora no período de cumprimento do estágio profissional que além de transformações corporais, observa-se durante a adolescência a existência das transformações comportamentais e psicológicas. Em

termos comportamentais, caracteriza-se tal fase pela suposta rebeldia, isolamento, apego exagerado ao grupo, adoção de novas formas de se vestir, falar e se relacionar, além da crença de poder mudar o mundo e da perda de algumas referências como a de seu lugar no mundo. Já em nível psicológico, não existe modificação universal, em termos de variação de cultura para cultura, de grupo para grupo e de indivíduos para indivíduo. Percebe-se na sociedade atual que é a adolescência que faz nascer um novo referencial, um novo nascimento e é o “recém-nascido”, ou seja, este novo indivíduo, capacitado a construir uma nova realidade quem deve escolher o nome, o sentido a essa nova realidade.

A adolescência vem sendo considerada o momento crucial do desenvolvimento do indivíduo, aquele que marca não só a aquisição de uma imagem corporal definitiva como também a estruturação da personalidade. É uma idade não só com características biológicas próprias, mas com uma psicologia e até mesmo uma sociologia peculiar. Tal reflexão pode ser complementada pelo que Osório menciona:

(...) a adolescência é um complexo psicossocial assentado em uma base biológica, cuja caracterização pode ser feita de acordo com os seguintes aspectos: redefinição da imagem corporal, consubstanciada na perda do corpo infantil e da conseqüente aquisição do corpo adulto; culminação do processo de individuação e substituição do vínculo dos pais na infância por relações objetais de autonomia plena; estabelecimento de uma escala de valores ou código de ética próprio; busca de pautas de identificação no grupo de iguais... (p.12).

Os indivíduos se juntam muitas vezes em bandos, clubes ou outros grupos de pares com códigos de comportamentos, de vestuário, linguagem e atitudes estritamente definidos, de forma a contemplar uma resposta ao seguinte questionamento: “Quem sou eu?”. Diante de tal aspecto, pode-se dizer que em tal situação os adolescentes se encontram em busca, em construção de sua identidade tanto individual quanto coletiva.

Esse período da adolescência é marcado por diversos fatores, mas, o mais importante disso, é a tomada de consciência de um novo espaço no mundo, a entrada em uma nova realidade que produz confusão de conceitos e perda de certas referências. O encontro dos iguais no mundo dos diferentes é o que caracteriza a formação dos grupos dos adolescentes, que se tornam lugar de livre expressão, bem como a formação e reestruturação da personalidade. Tal consideração pode ser ratificada por Outeiral (2003) quando: (...) a identidade se estrutura como uma colcha de retalhos, na qual cada retalho é um pedaço de alguém, tornando difícil saber com

quem estamos conversando no momento (...) posteriormente ocorre uma amálgama em que várias experiências se fundem (p.63).

A construção da identidade é pessoal e social, acontecendo de forma interativa, através de trocas entre os indivíduos e o meio em que está inserido, levando em consideração que a identidade não deve ser vista como algo estático e imutável, como se fosse uma armadura para a personalidade, mas sim como um mecanismo em constante desenvolvimento.

É durante tal fase que se tem uma nova oportunidade para oferecer condições construtivas ao desenvolvimento da estrutura da personalidade dos adolescentes, a partir da interação com a sociedade da qual fazem parte e na qual vão buscar seus novos modelos identificatórios. Tal aspecto é comum em decorrência do fato dos adolescentes serem indivíduos vulneráveis às influências oriundas do meio social no qual está inserido. Além disso, também buscam fora do núcleo familiar aspectos que desejam incorporar à sua realidade pessoal ou outros, com os quais necessitam aprender a lidar.

Os adolescentes em busca de sua identidade reproduzem atitudes, formas de pensar, comportamentos que expressam claramente alguma forma de contestação ou auto-afirmação. Levisky (1997) relata que a auto-afirmação é um componente necessário e desejável dentro do processo de desenvolvimento da identidade do mesmo. Esta auto-afirmação se faz presente por meio da rebeldia, da revolta, de manifestações agressivas e mais ou menos aceitas pela sociedade. É a busca do que falta em si próprio no outro que nos cerca e que por muitas vezes oferecem referências não tão adequadas, como no caso dos adolescentes institucionalizados no CESAMI.

Além disso, pode-se dizer ainda que a identidade adolescente possa ser compreendida como resultado de multiplicidades de identidades parciais que tem elementos invariáveis e outros mutáveis, de forma a serem contribuintes para a formação de diferentes configurações afetivo-cognitivas e sociais da personalidade. Tal fato pode ser confirmado pela organização dos adolescentes institucionalizados nas turmas e a alta rotatividade existente, de forma que todos estão sujeitos a diferentes influências de comportamentos, atitudes, formas de pensar. Logo, a construção dessa identidade será agente modificador da cultura e sofrerá as conseqüências de tais mudanças, de forma a buscar, ou pelo menos tentar sobreviver e sobrepujar ao

ambiente e a si próprio. Com isso, diz-se que a identidade é resultado de um processo que ocorre dentro de um contexto sociocultural.

Esse aspecto múltiplo da construção da identidade, dito anteriormente, pode ser mais bem explicado de acordo com que Outeiral (2003) menciona a respeito dos elementos da construção da identidade. Este dispõe que o grupo de adolescentes é um dos mais importantes na busca da identidade, porque tais configurações oferecem situações diversificadas e necessárias aos jovens, de forma que estes passam a vestir-se, comunicar-se da mesma forma e a adquirir mesmos maneirismos.

Outro aspecto importante a ser mencionado é que pensar na construção da identidade implica em visualizar tanto as relações com o meio social, relações familiares, quanto àquelas experiências vivenciadas por cada um. Assim, é preciso entender todos esses aspectos mencionados ao falar em identidade, pois o modo como os adolescentes se vêem depende da forma como são vistos pelos demais e a partir daí possam construir sua “colcha de retalhos”.

Essa reflexão remete ao funcionamento dos adolescentes em conflito com a lei institucionalizados no CESAMI, os quais estão inseridos em um sistema que não permite, em sua totalidade, a construção de uma identidade que mais se encaixe nos padrões estabelecidos pela sociedade. Mas, em contrapartida, utiliza-se de mecanismos próprios, tais como a relação com outros adolescentes dentro do CESAMI, códigos e regras criados e estabelecidos pelos mesmos, à prática de atos infracionais como comprovação de *status*. Na concepção de Foucault (conforme citado por Arpini, 2003):

a delinquência é definida como estilo de vida que inclui o cometimento de delitos com violência, o uso e abuso de substâncias entorpecentes. A definição de delinquência é identificada como estilo de vida, algo que toma conta do sujeito por inteiro, definindo sua identidade (p.66).

Mesmo que tal configuração seja precária e não ofereça subsídios suficientes para se construir um modelo coeso de referências, esses adolescentes institucionalizados buscam outros mecanismos para construí-la e que serão mais bem explicitados no próximo capítulo deste trabalho.

CAPÍTULO III

ADOLESCÊNCIA, SOCIALIZAÇÃO E LINGUAGEM.

Antes de se iniciar a teorização acerca de grupos, tribos, como se processa sua formação e estabelecimento de alternativas de convivência, além do uso de formas de comunicação dentro desta interação social, faz-se necessário mencionar antes de tudo o que configura o processo de socialização.

A socialização é entendida como um processo de integração mais intensa dos indivíduos no grupo, no qual existe o desenvolvimento de um sentimento coletivo, de solidariedade social e do espírito de cooperação entre os membros associados. Percheron (conforme citado por Dubar, 1997) propõe uma definição da socialização compreendida como aquisição de um código simbólico resultante de “transações” entre indivíduos e a sociedade (p. 25). Essa transação é resultado de dois processos diferentes, proposto pela equilibração piagetiana: assimilação e acomodação. A assimilação relaciona-se a intenção do indivíduo em modificar seu ambiente de forma a estar de acordo com seus anseios, desejos, diminuindo por sua vez, possíveis sentimentos de ansiedade. Já na acomodação ocorre o oposto, ou seja, o indivíduo modifica-se para atender às necessidades, exigências e pressões advindas do ambiente.

Além de englobar a transmissão de valores, normas e regras a socialização permite que se estabeleça o desenvolvimento da representação de mundo, isto é, mundos especializados. Tal representação não é imposta ou proposta pela família ou escola, mas sim construída pelo próprio indivíduo a partir de vivências e experiências existentes. Com isso, torna-se um processo lento e gradual de aprendizagens formalizadas por influências presentes ou passadas.

Este processo também configura um mecanismo de identificação, de construção de identidade, em decorrência do sentimento de pertença e da própria relação estabelecida. Logo, socializar-se, segundo Dubar (1997), é assumir o pertencimento a grupos, seja por sentimento de pertença ou referência, de forma a assumir pessoalmente as atitudes do grupo, que sem que se perceba, guiam nossas condutas.

Portanto, a socialização assume a forma de acontecimentos que envolvem em sua constituição um ponto de encontro e compromisso entre as necessidades e desejos do indivíduo, assim como os valores dos diferentes grupos com os quais se relacione.

3.1 – Grupos Sociais: tribos ou gangues

Os grupos sociais configuram papel importante e crescente na formação da subjetividade e identidade dos adolescentes, principalmente no que tange às formas de atividades, relacionamentos, formas de expressão, já que se tornam interlocutores de uma experiência cotidiana.

Martins (2003) em sua pesquisa sobre o Processo Grupal e A Questão do Poder em Martín-Barô caracteriza o grupo como sendo uma unidade que se dá quando os indivíduos interagem entre si e compartilham algumas normas e objetivos (p.201). Tal afirmação está diretamente relacionada à composição das turmas no CESAMI, uma vez que os adolescentes após serem inseridos nas respectivas turmas, desenvolvem a interação entre si em virtude do envolvimento com a criminalidade, a facilidade em comunicar-se por meio das gírias, práticas infracionais e compartilham também todas as dificuldades sociais, econômicas e emocionais, ganhos e *status* advindos da criminalidade, além da expectativa da medida sócio educativa a ser aplicada.

Pelo fato da adolescência ser encarada como produção social, a formação de tribos ou gangues constituiu nas sociedades ocidentais, em especial, um fenômeno sociocultural significativo, representando uma importante estratégia de formação cultural, assim como elemento primordial na construção ou busca de uma identidade social. Logo, pode-se dizer que o grupo, segundo Martins (2003) é o resultado das relações que vão ocorrendo no cotidiano e que traz para a experiência presente vários aspectos gerais da sociedade (p.203).

Tal construção é permeada por um sistema de referências. Normalmente são tidas por meio de uma vestimenta própria, dança própria, música, atitudes, comportamentos ou linguagem específica. Com isso, alguns grupos adquirem uma marca de especificidade. Martins (2003) completa tal afirmação dizendo que a totalidade supõe alguns vínculos entre os indivíduos, uma relação de interdependência que é a que estabelece o caráter de estrutura das pessoas membro (p. 204). Além disso, o grupo constitui um canal de necessidades e interesses, afirmando com isso o caráter concreto, histórico de cada grupo (p.204).

Com isso, é o que se pode verificar entre os adolescentes institucionalizados no CESAMI, os quais se utilizam de sua inserção na criminalidade e na prática de atos infracionais, além da utilização de uma linguagem por meio de gírias que fazem com

que tais aspectos configurem a estes uma especificidade única dentro do contexto sociocultural que estão inseridos. A afirmação mencionada anteriormente é corroborada ao que Assunção, Camilo e Oliveira (2003) relatam: a identidade grupal é buscada em marcadores imaginários e o compartilhamento de códigos (gírias, atitudes, comportamentos) contribuem para definir a imagem social de cada grupo (p. 2).

Outro aspecto pertinente aos grupos adolescentes é o chamado sentido de pertença ou a identificação coletiva (Assunção, Camilo & Oliveira, 2003), que implica em organização dos mesmos, dando sentido ao universo criado por meio do conhecimento dos afetos, emoções, valores e pensamentos. Este fato é presenciado de forma prática na rotina diária dos adolescentes internos no CESAMI, que se encontra em atividades físicas e esportivas em conjunto e a todo o momento novos adolescentes fazem parte da turma a qual outros pertencem. Martins (2003) afirma em termos de consciência de pertencer a um grupo que:

O grupo passa a ser para o indivíduo uma referência para sua identidade ou vida, referência essa criada a partir do sentimento de pertença subjetiva ao grupo. Este sentimento é que contribui para que um grupo de pessoas se sintam e atuem como grupo, possibilitando a sua identificação (p.205).

Já em relação ao adolescente recém-chegado a Instituição e à turma no CESAMI, pode-se dizer que o grupo vivencia uma nova mudança em sua configuração, de forma que todos os membros se mobilizem novamente na constituição de um novo grupo, diferentemente da configuração inicialmente estabelecida. Diante de tal percepção, é possível afirmar que nesta nova configuração as turmas do CESAMI inicialmente enquadram-se na classificação de grupos primários e após a entrada de novos adolescentes constituem além grupos primários, adquirem a denominação de funcionais.

Martín-Baró (conforme citado em Martins, 2003) relata que a denominação de grupo primário está relacionada aos vínculos interpessoais, características pessoais e a satisfação de necessidades pessoais (p. 206). Com a entrada de um novo adolescente e a conseqüente reconfiguração do grupo este recebe a denominação de funcional em decorrência do seguinte aspecto definido por Martín-Baró (conforme citado em Martins, 2003):

os grupos funcionais referem-se a aspectos parciais da vida de seus membros, o que pode produzir algumas situações conflitos entre diferentes papéis que desempenham os participantes desses grupos, uma vez que a identidade grupal é construída pelo papel social que o indivíduo desempenha”(pp. 207/208).

Nessas turmas, portanto, pode-se perceber claro e evidente o que se chama de sentido de pertença, ou seja, aqueles que já se encontram há mais tempo podem tornar-se responsáveis por adaptá-lo na turma e com isso sinta-se membro daquela respectiva turma.

Esse processo de adaptação normalmente é feito por meio da interação entre os adolescentes e que geralmente é baseada na comunicação destes, de forma que o recém-chegado observe como se processa todo o funcionamento da rotina diária, assim como as normas e regras existentes tanto na instituição como aquelas criadas por eles mesmos. Com isso, percebe-se neste aspecto que não existe somente a construção de uma identidade pessoal, há a construção de identidades coletivas, baseadas neste sistema coletivo de referências.

Dentro desta coletividade, percebe-se a existência de uma expressividade própria, de forma que há a exposição de um universo de experiências responsáveis para a construção de uma nova cultura, de uma ética de convivência social diferenciada, uma linguagem própria, de um estilo de vestimenta diferenciada. Isso pode ser evidenciado nas turmas do CESAMI, onde cada cria seus estímulos, seu estilo, suas regras, ou seja, os seus valores que podem ser simples reproduções dos valores sociais, ou contrários a estes, assumindo uma posição considerada “desviante” da sociedade.

Outro aspecto que cabe ser frisado está relacionado ao que Assunção, Camilo e Oliveira (2003) mencionam acerca dos grupos de adolescentes, a saber:

a relação do adolescente com o grupo não é de fidelidade, como seria esperado em grupos contratuais. Se a autodefinição por meio de um grupo social parece ser a tônica, a livre circulação entre diferentes tendências, levando à migração de uma tribo à outra é algo mais freqüente do que esperado (p.4).

Tal fato descrito acima é comumente presenciado no CESAMI, uma vez que a rotatividades dos adolescentes na turma é alta e, além disso, cabe mencionar que em casos de reincidência do mesmo à Instituição, este não permanecerá na mesma turma que esteve. Com isso, o seu sistema de referências, seja qual for, aumenta de forma

que a construção de sua identidade individual e coletiva torna-se mais profunda e diversificada. Logo, pode-se dizer que as turmas do CESAMI representam um espaço para a problematização do cotidiano no qual tais adolescentes estão inseridos, de forma que se possa desencadear novas relações e vínculos afetivos e assim expressar opiniões e sentimentos.

3.2 – O uso da linguagem na manutenção de laços sociais.

Neste tópico do trabalho, é utilizado um dos marcadores imaginários que Assunção, Camilo e Oliveira (2003) mencionam dentro da construção da identidade social, além da imagem grupal: o tipo de linguagem utilizada em grupos adolescentes, mais especificamente nas turmas existentes no CESAMI.

Como dito anteriormente, a linguagem configura a utilização dos elementos de uma língua como meio de comunicação entre indivíduos, de forma a verbalizar ou expressar o que se pensa, vivencia ou sente. Tal idéia pode ser complementada pela pesquisa realizada por Dayrell (2002) onde envolvem o *rap* e o *funk* na socialização da juventude:

Os jovens vêm lançando mão da dimensão simbólica como a principal e mais visível forma de comunicação, expressa nos comportamentos e atitudes pelos quais se posicionam diante de si mesmos e da sociedade. É possível constatar esse fenômeno nas ruas, nas escolas ou nos espaços de agregação juvenil, onde os jovens se reúnem em torno de diferentes expressões culturais, como a música, a dança, o teatro, e tornam visíveis, através do corpo, das roupas e de comportamentos próprios, as diferentes formas de se expressar e de se colocar diante do mundo (p.117).

Além disso, é por meio desta socialização e em específico pela linguagem que os indivíduos apreendem valores, crenças e regras e a partir daí constituirão uma maneira específica de relacionar-se.

Pode-se mencionar ainda que a linguagem configura um elemento dentro da chamada representação social, pelo fato de estar vinculada a um sistema de valores, noções e práticas que dão ao indivíduo formas de se orientar no mundo, de maneira que o mesmo possa perceber sua realidade e sua interação com os demais, de forma a perceber o comportamento do indivíduo no decorrer de sua vida. Tal reflexão pode ser bem explicada pela afirmação que Arpini (2003) apresenta: “a representação social está

na cabeça das pessoas, mas não é a representação de uma única pessoa; para ser social ela necessita perpassar pela sociedade, existir em certo nível de generalização” (p.22).

A linguagem dentro dos grupos de adolescentes institucionalizados funciona como um mediador de relações interpessoais, no sentido de que seja clarificado o sentido de pertença dentro do grupo e que a partir deste sistema de símbolos o aprendizado social seja passado gerações adiantes.

Nunes (2005) complementa a idéia exposta acima dizendo que o idioma cultural refere-se a um conjunto de recursos, mecanismos e significantes que a cultura dispõe/cria de modo a permitir a articulação das experiências individuais e coletivas, produzindo-lhes sentido e ação concreta. Tal aspecto também é verificado nas turmas do CESAMI, no sentido de que a linguagem específica destes adolescentes configura o principal elemento de interação social, visto que é por meio dela que laços sociais são estabelecidos dentro e fora da Instituição e a cultura do adolescente institucionalizado no CESAMI seja propagada por todos aqueles que passam a fazer parte deste sistema. Logo tal afirmação pode ser corroborada pelo relato proposto por Arpini (2003) quando:

A representação social é um saber construído e que dá possibilidades de entender diferentes realidades... logo, aprende-se como esse grupo social organiza, pois não há forma de conhecimento que aproxime diferentes realidades que não passe pelo conhecimento das formas e estruturas de pensamento que cada grupo constrói (p.25).

Vale lembrar que toda essa reflexão acerca da conjuntura social do adolescente institucionalizado é resultado de uma convivência e observação assistemática dos mesmos no que tange a forma de comunicar e interagir entre si. Arpini (2003) pode contextualizar em sua afirmação todo o discurso mencionado acima: a função das representações sociais é tornar familiar o não familiar, é permitir compreender a estrutura de funcionamento de outros grupos que constroem e dão significados distintos ao universo social.

É a partir desta linguagem que se constrói uma realidade. No caso dos adolescentes, a linguagem permite a organização e interpretação de uma realidade criada por outros e conseqüentemente sua adaptação, a fim de coordenar suas ações de modo coerente e integrado. Nunes (2005) em sua pesquisa sobre idiomas culturais como estratégia de enfrentamento à violência urbana utiliza o movimento da capoeira como forma de linguagem e como idioma coletivo que orienta uma prática individual. É

na capoeira que existe uma aprendizagem para a vida. Já no CESAMI, as gírias e o *rap* são exemplos de idiomas coletivos, uma vez que constrói um mecanismo de enfrentamento de uma realidade construída por eles mesmos, assim como uma forma de se expressar e de se entenderem.

Tal relato pode ser contextualizado a recém chegada de um adolescente ao CESAMI, onde é evidente a mobilização que os adolescentes fazem para saber se aquele recém chegado detém as informações do sistema/realidade que os demais pertencem e caso percebam que o mesmo desconheça tal realidade, esta é “ensinada” e a partir daí laços sociais sejam estabelecidos ou fortificados. Ferreira, Ferro e Santa-Clara (2004) complementam a idéia exposta anteriormente dizendo que é na interação com o outro que os significados são construídos, desconstruídos e reconstruídos, favorecendo a emergência de uma situação propicia a mudança psicológica dos indivíduos envolvidos no processo de comunicação oral. Portanto, pode-se dizer que a linguagem em contexto de adolescentes em conflito com a lei e CESAMI funcionam como mecanismo de interação social e, além disso, constroem seu mundo, suas referências, identidade baseadas no que o mundo excludente lhes oferece.

METODOLOGIA

Antes de mencionar como se deu a aplicabilidade da pesquisa em questão, é importante estabelecer uma contextualização no que se denomina Pesquisa Participante. Segundo Rocha (2004) este tipo de pesquisa enfoca a relação entre teoria e prática na busca de uma interação dialética, de forma que se possa mencionar a idéia de uma ciência emergente ou ciência popular. A proposta descrita anteriormente possui relação direta à presente pesquisa pelo fato desta estabelecer uma conexão entre uma vivência prática da pesquisadora junto a adolescentes institucionalizados em um Centro Sócio Educativo (CESAMI), bem como a teorização feita por diferentes pesquisadores acerca do quadro de adolescentes em conflito com a lei.

Tal perspectiva configura a pesquisa participante uma aparente utopia já que suas limitações levam a conceber o conhecimento científico como um “conhecimento aproximado”. Embora encontre sua origem no senso comum, possui validade científica, uma vez que apresenta racionalidade própria que possa ser comprovada cientificamente. Utiliza-se de técnicas qualitativas de investigação como observação participante, entrevistas livres e semi-estruturadas, visitas e oficinas de trabalho. Assim, com este processo, visa-se constante geração de conhecimento por parte do pesquisador e do pesquisado, além da intertransmissão e compartilhamento de conhecimentos já existentes.

Estes aspectos descritos acima permearam a pesquisa no sentido da união entre teoria e prática a partir de uma vivência prática da pesquisadora que configura a posição de observadora participante em virtude de fazer parte de tal contexto e que com isso se viu inquietada a pesquisar em tal realidade, porque quando um outro se transforma em uma convivência, a relação obriga que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura (Rocha, 2004).

1- Contexto de Pesquisa

Esta pesquisa foi realizada entre os meses de Março e Junho de 2006, junto à instituição Centro Sócio Educativo Amigoniano (CESAMI). Esta é um centro de internação provisória que comporta no máximo 120 adolescentes. Tem como objetivo desenvolver um projeto de atenção ao adolescente em conflito com a lei, encaminhado

pela Vara da Infância e da Juventude/DF, num período máximo de 45 dias até que o Juiz tome decisão quanto à aplicação ou não de medida sócio-educativa como resposta ao ato infracional julgado.

Todo o trabalho realizado na Instituição compreende um discurso voltado para o adolescente, no intuito de que o mesmo possa perceber qual seu papel no mundo e suas capacidades a fim de construir uma nova percepção de seu contexto social e familiar. Como fora dito anteriormente, a capacidade de adolescentes da Instituição foi distribuída em dez turmas de no máximo 14 adolescentes. Cada turma recebeu uma denominação durante o curso de capacitação para os funcionários que iniciariam suas funções, de acordo com os Princípios Amigonianos descritos anteriormente. As turmas receberam as seguintes denominações: Amizade, Esperança, Equilíbrio, Fraternidade, Gênese, Girassol, Novo Futuro, Renascer e Renovação.

Para esta pesquisa foi escolhida a turma Girassol (seguro) pelo fato da pesquisadora a estar acompanhando e já ter estabelecido vínculo com os mesmos de tal turma, princípios estes da pesquisa participante.

2- Descrição dos Sujeitos

A pesquisa contou com a participação de quatro adolescentes, todos estes pertencentes à turma Girassol, institucionalizados no CESAMI, com idade variando entre 16 e 18 anos. O motivo pelo quais os adolescentes entrevistados são acusados encontram-se nesta Instituição está relacionado ao quadro explicativo abaixo:

| Sujeitos | Idade | Residência | Ato Infracional |
|-----------------|--------------|-------------------|--|
| S1 | 17 anos | Gama | Porte Ilegal de Armas |
| S2 | 17 anos | Planaltina | Roubo |
| S3 | 16 anos | Paranoá | Roubo |
| S4 | 17 anos | São Sebastião | Roubo Homicídio Tentativa de Homicídio |

É importante frisar que os artigos do Código Penal mencionados na tabela acima são mecanismos utilizados pelos próprios adolescentes do CESAMI como forma de se autodenominarem, criando desta forma a personificação de um *status* de inserção e manutenção na criminalidade.

Cabe ressaltar que todos os sujeitos participantes mostraram-se dispostos a colaborar com a pesquisa. Enfatizou-se por ocasião do convite à participação que as informações fornecidas não configurariam elementos da construção do relatório psicológico e tampouco seriam encaminhadas ao Juiz da Vara da Infância e da Juventude, além do fato de que a identidade dos mesmos seria preservada.

3- Instrumentos de Coleta de Dados

Para a construção do instrumento desta pesquisa, foi necessário inicialmente fazer observação assistemática de tais adolescentes durante a rotina diária de atividades pedagógicas propostas pela Instituição, bem como o diálogo direto com os mesmos nestas situações. A construção deste instrumento, portanto, foi estabelecida com base nos seguintes eixos: (1) qual o sentido da utilização de uma linguagem específica nestes grupos – objeto do presente estudo - na manutenção de vínculos sociais; e (2) quais as expressões utilizadas, significados e respectivos contextos de sua aplicabilidade.

Para tais eixos foi constituído um roteiro de entrevista que se encontra no apêndice deste trabalho.

4- Procedimentos e Coleta de Dados

A realização desta ocorreu em dois momentos: observação diária dos adolescentes e diálogo com os mesmos enquanto tais se encontravam em atividades recreativas na Instituição. Com isso, pôde-se por meio da interação entre pesquisadora e pesquisados coletar como e de que forma se processou a comunicação através do uso de uma linguagem específica e a manutenção de vínculos sociais, assim como a configuração da adaptação daqueles recém chegados na turma.

O segundo momento foi representado por uma parte da rotina diária dos participantes, isto é, quando tais se encontravam fora dos alojamentos realizando higienização ou manutenção da ordem destes, participando de jogos lúdicos no

corredor (jogo de dama, dominó, ping pong), lendo ou confeccionando trabalhos manuais resultantes da Oficina de Artesanato.

A coleta das informações surgiu a partir do contato diário entre a pesquisadora e os adolescentes acompanhados por esta em atividades propostas pela Instituição e que já fora explicitado anteriormente, além da necessidade de se observar como se processa a adaptação destes em termos de convivência e sobrevivência dentro de grupos fechados, como no caso a turma na qual está inserido. Para isso, utilizaram-se questões levantadas acerca da forma de adaptação de adolescentes recém-chegados a Instituição; como se processou a comunicação por meio de uma linguagem específica e qual o sentido desta linguagem que usam dentro do processo de interação entre eles.

A análise destes dados partiu de categorias estabelecidas a partir dos objetivos específicos aliados a problemática levantada inicialmente e atestadas diante das entrevistas realizadas. Tais categorias enfocam os seguintes aspectos: origem da forma de linguagem; utilização da linguagem; formas de aprendizado da linguagem e adaptação do novato à linguagem.

ANÁLISE DOS DADOS/DISCUSSÃO

Diante da observação feita nos períodos de Março a Junho de 2006, bem como todo o processo de coleta de dados e observação participante que fora descrito na metodologia de forma sucinta, tal análise foi fundamentada no princípio da Categorização proposta por Minayo (1994): uma categoria se refere a um conceito que abrange elemento ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso.

Tais categorias podem ser tanto estabelecidas antes da aplicação prática da pesquisa, na fase da própria aplicação desta, ou a partir da coleta de dados. Na presente pesquisa a categorização se deu a partir da elaboração da problemática, objetivos específicos e ratificados após a coleta de dados por meio de entrevistas estruturadas e observação assistemática, o que de certa forma permite que os dados sejam fidedignos a problemática levantada. Assim, toda a análise estabelecida relaciona-se a seguintes categorias, que serão mais bem detalhadas no decorrer deste capítulo.

Origem da forma de linguagem

A origem do tipo de linguagem simbolizada pelas gírias e utilizada pelos adolescentes institucionalizados no CESAMI é associada sempre à inserção na marginalidade bem como aos locais onde tais adolescentes residem.

O local de residência dos adolescentes entrevistados é constituído de uma infraestrutura urbana deficiente e os moradores de tais locais vivem em condições precárias, enfrentando grandes carências quanto à segurança pública e convivendo com elevado índice de criminalidade. Os moradores e os próprios adolescentes entrevistados, em sua maioria, possuem baixo índice de escolaridade, ocupando-se em atividades do setor terciário, especialmente no comércio e na prestação de serviços (serviços gerais, empregados domésticos, serventes de pedreiro) que requerem baixo nível de capacitação formal. Percebe-se também é que a economia informal destas regiões periféricas foi acentuada pela política de assentamento, não associada à oferta

de empregos e isso estimulou o desenvolvimento e intensificação da pobreza, o que gera o aumento do desemprego.

Pode-se inferir que diante de tais situações descritas acima, existe a grande probabilidade dos indivíduos buscarem alternativas outras no sentido de suprir tais necessidades sociais e financeiras. Tais alternativas, em geral, nem sempre condizem à dignidade a que tanto se referem. É na facilidade de retorno financeiro proveniente da prática de atos infracionais que tais necessidades são supridas e conseqüentemente aumenta a quantidade de adeptos. Por fim, percebe-se o surgimento de uma “subpopulação” em relação àquela existente dentro das regiões periféricas. A existência e permanência desta “subpopulação” se dá por meio da constante inter-relação entre os mesmos e também pelo estabelecimento de normas, regras e um código específico de linguagem. Tal fato por ser corroborado pela seguinte afirmação quando se questiona de onde surgiu a linguagem por meio de gírias:

Na rua, das favelas da periferia... porque na comunidade onde nós mora só tem bandido e é assim que nós aprende o sotaque... observando os malandros mais antigos (Sujeito 4, 17 anos, São Sebastião).

Isso também é verificado pela fala dos adolescentes do CESAMI que justificam a entrada na prática de atos infracionais e marginalidade pela exclusão social, financeira e afetiva que vivenciam no seu dia-a-dia e por conta disso, utilizam-se de caminhos “tortuosos” para manter sua sobrevivência.

Cabe ser frisado dentro desta subpopulação que a manutenção das relações entre os membros se dá, em sua maioria, pelo tipo de comunicação e integração estabelecidos. Essa comunicação é utilizada em neologismos ou por gírias específicas. Tal aspecto é muito presenciado entre os adolescentes institucionalizados no CESAMI. A linguagem utilizada entre eles é resultado de uma construção social que perpassa geração a geração e que pode ser confirmado pelo que fora dito a seguir:

a gente vai observando os malandros mais antigos (Entrevistado 4, 17 anos, São Sebastião).

Borges e Salomão (2003) complementa ainda mencionando que a interação é um componente necessário para que o indivíduo adquira essa linguagem.

O que se pôde verificar durante a coleta de dados, bem como a aplicação do instrumento é que não existe ao certo uma origem definida quanto à linguagem utilizada pelos mesmos. Mas se pode inferir que estas gírias são frutos de uma convivência com indivíduos de gerações anteriores e a atual condição social que tais adolescentes enfrentam. Tal afirmação pode ser mais bem exemplificada pela colocação:

...é tudo por conta de influência... tem sempre um pra te colocar e pra te ensinar... no meu caso foi o patrão⁹. Mas outros caras vão aprendendo ao decorrer dos dia-a-dia... vai vendo como é que é, vai vivendo no meio da malandragem... (Sujeito 1, 17 anos, Gama).

Outro ponto que pode se relacionar a criação desta linguagem específica está associado ao *rap*, no que tange ao significado como aspecto funcional da linguagem, uma vez que este pode ser considerado como o responsável pela comunicação no meio social. Este configura um tipo de linguagem expresso por gírias, constituindo um mecanismo de exemplificação de uma realidade vivenciada pelos adolescentes do CESAMI, seja no período em que os mesmos se encontram em internação provisória ou quando lutam pela sua sobrevivência no mundo da malandragem.

Assim, as gírias e o *rap* são exemplos de idiomas coletivos, uma vez que constroem um mecanismo de enfrentamento de uma realidade construída por eles mesmos, assim como uma forma de se expressar e de se entenderem. Logo, tal colocação pode ser complementada por Traverso-Yépez (1999) quando relata que:

(...) a linguagem está presente em todas as formas de atividade humana. Constitui-se, assim, em um dos indicadores mais sensíveis dos processos de inter-relação e interação indivíduo-sociedade e permite-nos tomar contato com as contradições sociais e as posições de poder expressas nas palavras (p.43).

Diante de toda a reflexão levantada acima, bem como a contextualização no CESAMI, pode-se concluir que a origem da linguagem em gírias se dá a partir do entrelaçamento da convivência na criminalidade, além do contato freqüente com outros adolescentes inseridos no mesmo contexto. Nunes (2005) complementa ainda que um idioma cultural refere-se a um conjunto de recursos, mecanismos e significantes que a cultura dispõe/cria de modo a permitir a articulação das experiências individuais e coletivas, produzindo-lhes sentido e ação concreta.

⁹ Expressão designativa para o traficante que insere os adolescentes no tráfico. Vide apêndice.

Tal conclusão não pode ser considerada como definitiva tendo em vista que tal reflexão surgiu a partir das observações feitas no decorrer da pesquisa juntamente a fundamentação teórica levantada. Vale mencionar a importância da continuidade desta pesquisa, no sentido de fazer uma investigação mais precisa e definitiva em relação à origem desta forma de comunicação pertinente ao contexto da prática de atos infracionais.

Utilização da linguagem

A utilização desta linguagem está associada a um sistema de códigos que tem por finalidade inicial burlar o entendimento de pessoas que não tenham um contato freqüente a estes ou a policiais que os observem, contato este relacionado também à inserção na marginalidade (atos infracionais). Tal afirmação pode ser atestada pelas seguintes colocações quando se questiona o porquê da utilização desta linguagem:

Eu acho assim que surgiu por causa quié até pá dispitá até a polícia às vezes também... é igual te falei... é como se fosse código... (Sujeito 1, 17 anos, Gama).

...pra engana mais né... a polícia, os bicudos¹⁰ da rua... de camufla o palavreado que nós fala (Sujeito 2, 17 anos, Planaltina).

Como fora mencionado anteriormente este tipo de linguagem é resultado de uma construção social que traz em sua estrutura as interações sociais que estes adolescentes vivenciam. Pode-se perceber também dentro do CESAMI que a utilização deste código é evidente quando os adolescentes dialogam entre si a respeito das notícias dos locais onde moram ou quando articulam alguma ação ou movimentação que não pode ser descoberta, tais como cobrar um adolescente gravista¹¹ ou que existam “rixas”, podendo iniciar-se na própria Instituição e estender-se, na maioria das vezes, ao local de residência dos mesmos.

Tal colocação pode ser fundamentada pela observação participante da pesquisadora ao discurso dos adolescentes no momento em que estes se encontram

¹⁰ Vide apêndice.

¹¹ Proferir agressões físicas ao adolescente que não cumpre as regras estabelecidas pelos adolescentes. Tais regras envolvem as seguintes informações: pedir descarga ao vaso sanitário enquanto almoçam nos alojamentos; arrotar ou produzir flatulência enquanto almoçam no refeitório; proferir palavras de baixo calão enquanto estiver mulheres presentes nas alas dos alojamentos; não encarar a visita de outro adolescente; não levantar a blusa de forma a mostrar a barriga em dia de visita; não se deve usar o vaso sanitário do pátio em dia de visita.

em atividades esportivas ou pedagógicas. Pôde-se verificar que a utilização desta linguagem camuflada impede que seus conteúdos sejam descobertos e com isso traga qualquer tipo de penalização aos adolescentes. Tal fato pode ser evidenciado nas seguintes afirmações:

... algumas vezes a gente fala em código né, pras pessoas que estão mais colados com nós entender o que nós fala... só a gente mermo entende o que nós fala... (Sujeito 4, 17 anos, São Sebastião).

...parente meu que nunca estiveram presos num vai entende o que to falando (Sujeito 3, 16 anos, Paranoá).

...é para desbaratinar os caras...para mexer...com a cabeça das pessoas...é isso...pra deixar ela sem saber o que é que falamos. (Sujeito 2, 17 anos, Planaltina).

Além disso, pode-se inferir que a linguagem por gírias é tida pelos próprios adolescentes do CESAMI como marca de registro de inserção ou pertencimento à malandragem como se tal linguagem configurasse um rótulo de “quem é mais malandro do que o outro”. Tal reflexão é exemplificada a seguir:

... tem muitos que cai¹² de laranja¹³ e às vezes nem é malandro né... às vezes nem é malandro e quer fala gíria quié pra ser que nem malandro... tem alguns que quer entrá na malandragem e num é malandro, mais fala gíria para ser malandro (Sujeito 1, 17 anos, Gama).

... só quem convive assim com nós mermo é que entende... os vagabundos como eles (a polícia) chamam por aí... (Sujeito 2, 17 anos, Planaltina).

Outro aspecto pertinente à análise relaciona-se ao fato de que se percebe que tal linguagem configura um mecanismo de manutenção das relações existentes dentro das turmas nas quais tais adolescentes estão inseridos, de forma a permitir que exista coesão em termos de comportamento, harmonia, idéias, pensamentos e atitudes. Isto pode ser ratificado pela afirmação de Martín-Baró que caracteriza o grupo como sendo uma unidade que se dá quando os indivíduos interagem entre si e compartilham algumas normas e objetivos. Além disso, tal colocação pode ser aplicada na prática quando:

¹² Vide apêndice.

¹³ Idem.

A gente aprendi por causa de muita influência né... o cara vai aprendendo quando ele vai entrando cada vez mais na malandragem (Sujeito 1, 17 anos, Gama).

... tem muita gente falando assim perto de mim...ai tal... ai eu comecei a falar assim também (Sujeito 3, 16 anos, Paranoá).

... vendo as pessoas que moram lá falando assim e aí nós fala também... (Sujeito 4, 17anos, São Sebastião).

Tal fato é bastante verificado também dentro das turmas no CESAMI, porque todos os adolescentes inseridos dependem da relação com o outro para manter seu relacionamento interpessoal e sobrevivência com os demais, sejam com os próprios adolescentes ou funcionários da equipe técnica que estão em contato direto e constante com os mesmos. Logo, pode-se dizer que o grupo, segundo Martins (2003) é o resultado das relações que vão ocorrendo no cotidiano e que traz para a experiência presente vários aspectos gerais da sociedade.

Portanto, no que tange a manutenção de relações interpessoais dentro das turmas, pode-se dizer que a hipótese da linguagem como mecanismo de vínculos sociais foi verificada com êxito, uma vez que fora vivenciado na prática e pelas entrevistas coletadas (vide apêndice) como se dá tal processo.

Um terceiro aspecto apreendido deste item relaciona-se à identidade com base na relação com o outro (alteridade). A construção da identidade adolescente, seja ela individual ou coletiva é sempre baseada em um referencial ou um modelo a ser seguido. No caso dos adolescentes institucionalizados no CESAMI, o que se pode perceber é que a construção da identidade destes é toda fundamentada na relação existente entre eles nas turmas em que estão inseridos e também pelo fator em comum: a inserção na marginalidade e conseqüente prática de atos infracionais, bem como a linguagem específica que utilizam para comunicar-se e a preferência pelo estilo musical *rap* como uma forma de expressão.

A afirmação mencionada anteriormente é corroborada ao que Assunção, Camilo e Oliveira (2003) relatam: a identidade grupal é buscada em marcadores imaginários e o compartilhamento de códigos (gírias, atitudes, comportamentos) contribuem para definir a imagem social de cada grupo. Em termos práticos pode-se evidenciar tal fato nas seguintes entrevistas:

...aí depois que meu pai morreu eu peguei droga pra vende... comecei a meter os ferros... comecei a andar com os camaradas e com isso eu aprendi a falar assim... é tudo por conta de influência... tem sempre um pra te colocar e pra te ensinar...no meu caso foi o patrão. Mas outros caras vão aprendendo ao decorrer do dia-a-dia... vai vendo como é que é, vai vivendo no meio da malandragem... vai observando, vai ouvindo... (Sujeito 1, 17 anos, Gama).

...só quem convive assim mais com nós mermo é que entende... (Sujeito 2, 17 anos, Planaltina).

...aí então se eu falá desse jeito todo mundo vai me entender... (Sujeito 3, 16 anos, Paranoá).

...a gente fala em códigos né, pras pessoas que estão mais colados com nós entender o que nós fala... (Sujeito 4, 17 anos, São Sebastião).

Diante disso, Martins (2003) afirma que alguns vínculos entre os indivíduos, uma relação de interdependência é a que estabelece o caráter de estrutura das pessoas membro. Além disso, o grupo constitui um canal de necessidades e interesses, afirmando com isso o caráter concreto, histórico de cada grupo.

Com base na reflexão levantada anteriormente, pode-se concluir que o processo de construção da identidade do adolescente institucionalizado no CESAMI é fundamentado em sua maioria na relação com outros adolescentes, na convivência diária, partindo de uma linguagem que permite tal aproximação, uma vez que é um dos modelos de marcadores imaginários propiciadores desta construção. Com isso, menciona-se que a problemática levantada no início desta pesquisa fora atestada com sucesso.

Formas de aprendizado da linguagem

Pôde-se inferir diante da observação participante e assistemática, juntamente com as entrevistas de coletas de dados que normalmente a aprendizagem dessa linguagem pelos adolescentes institucionalizados no CESAMI é feita pela convivência/interação dentro das turmas, de forma que os adolescentes observam, conversam com outros dentro do mesmo contexto e, em decorrência da frequência deste contato, facilitam mais o aprendizado. Tal reflexão pode ser mais bem

visualizada nas seguintes colocações acerca da forma como cada adolescente entrevistado aprendeu:

...eu aprendi a falar assim...é tudo por influência... tem sempre um pra te colocar e pra te ensinar. Mas outros caras vão aprendendo ao decorrer do dia-a-dia... vai vendo como é que é, vais vivendo no meio da malandragem... vai observando, vai ouvindo... cê ouve alguém falando, depois cê vai e se lembra... (Sujeito 1, 17 anos, Gama).

...aí fico ouvindo, só ouvindo os outros falarem (Sujeito 2, 17 anos, Planaltina).

Eu uso esse tipo de linguagem por conviver entre essa linguagem entendeu? Tem muita gente falando assim perto de mim...aí eu comecei a falar assim também (Sujeito 3, 16 anos, Paranoá).

...a gente vai escutando os outros falando e vai aprendendo... (Sujeito 4, 17 anos, São Sebastião).

Diante de tais colocações, é importante correlacionar que é por meio da linguagem que se constrói toda uma realidade e a interação entre os indivíduos que ditam a aquisição de tal linguagem. Pode-se perceber também nas turmas no CESAMI que este processo é bem visível, uma vez que todo e qualquer adolescente que esteja nessa turma e não saiba se articular por meio desta linguagem em gírias, estabelece o aprendizado com base em observação, constante diálogo com os companheiros institucionalizados. Com isso, infere-se que a linguagem configura o mediador das relações interpessoais, uma referência primordial na construção de uma identidade adolescente e, principalmente, o mantenedor dos vínculos sociais e afetivos estabelecidos.

Tal colocação pode ser complementada pelo o que Santa-Clara, Ferro e Ferreira (2004), quando propõem duas concepções de linguagem: linguagem como ferramenta de comunicação e linguagem como ação e interação que serão novamente explicadas abaixo.

Na primeira concepção, a linguagem tem a função de transmitir informações do emissor para o receptor, em que a comunicação efetiva depende basicamente do processo de codificação e decodificação da linguagem. Então, é estabelecido que através da linguagem o indivíduo vá transmitir suas intenções comunicativas. Já na segunda concepção que envolve a ação e interação, a linguagem é tida como mecanismo de conhecimento, apoiando-se nos pressupostos de Vygotsky (p.337).

Conclui-se então a partir da discussão acima feita que o mecanismo propiciador da aprendizagem e aquisição da linguagem estabelecida pelos adolescentes institucionalizados no CESAMI é feita com base no contato diário, na interação e trocas de informações e experiências vivenciadas, de forma que na interação com o outro que os significados são construídos, desconstruídos e reconstruídos.

Adaptação do *novato* à linguagem

Este ponto da análise é um dos elementos da problemática levantada na pesquisa. Tal aspecto visa verificar como se dá a adaptação do adolescente recém-chegado ao CESAMI com base na linguagem específica estabelecida pelos mesmos. Dentro do relato dos entrevistados, evidencia-se que esta adaptação é feita da seguinte forma: a observação do outro, o próprio diálogo entre eles, o questionamento quando não exista o entendimento e que tal fato esteja associado ao interesse do adolescente em aprender. Isso pode ser mais bem exemplificado no próprio discurso dos adolescentes:

Já na malandragem e aqui no CESAMI o cara tem que ser esperto né...em todos os sentidos. Ele também tem que aprendê por conta das graves...porque se ele num aprende e der uma grave, por exemplo, na hora da xepa ou no dia de visita, ele vai para no seguro né... (Sujeito 1, 17 anos, Gama).

...tem uns que fica viajando quando nós fala, mais depois começa a entender. Aí eles vão prestando mais atenção nas conversa, vão observando, aí aprende mais rápido...a gente explica...tipo assim... na conversa quando o cara vê e não entende, a gente explica o significado das gírias (Sujeito 2, 17 anos, Planaltina).

...ele é que se tiver interessado na nossa conversa ele é que tem que se esforçar né, perguntando o que eu to falando, o significa isso, o que significa aquilo. Ele perguntando, ele vai se adaptando entendeu...ai ele já vai passar a saber. Ele vai se adaptar convivendo com os outros (Sujeito 3, 16 anos, Paranoá).

...ele vê nós conversando, ele vai aprendendo. Quando ele num sabe e ele pergunta, nós dá a idéia de como funciona o bagulho (Sujeito 4, 17 anos, São Sebastião).

Toda essa idéia exposta anteriormente é complementada e comparada pela observação participante realizada ao que ocorre dentro das turmas do CESAMI. O processo de adaptação é todo iniciado pela mobilização que os demais adolescentes fazem a respeito do ato infracional cometido além de qual a “quebrada”¹⁴ que o mesmo reside. Caso tenham a noção que o recém-chegado configure o que os mesmos denominam “laranja”¹⁵, é iniciado todo o processo de introdução de idéias, atitudes, pensamentos coletivos, todos esses por meio da linguagem que utilizam. Com isso, os laços sociais são estabelecidos e outros mantidos. Ferreira, Ferro e Santa-Clara (2004) complementam a idéia exposta anteriormente dizendo que é na interação com o outro que os significados são construídos, desconstruídos e reconstruídos, favorecendo a emergência de uma situação propícia a mudança psicológica dos indivíduos envolvidos no processo de comunicação oral. Portanto, pode-se dizer que a linguagem em contexto de adolescentes em conflito com a lei e CESAMI funcionam como mecanismo de interação social e, além disso, constroem seu mundo, suas referências, identidade baseadas no que o mundo excludente lhes oferece.

Outro aspecto que cabe ser frisado e analisado é que aqueles adolescentes que participam da adaptação do recém-chegado configuram um elemento do sistema de referências na construção da identidade deste adolescente. Como fora dito anteriormente a construção da identidade, seja ela individual ou coletiva, é sempre baseada em um referencial ou um modelo a ser seguido.

Tal afirmação acima mencionada pode ser complementada ao que se chama de sentido de pertença ou a identificação coletiva (Assunção, Camilo & Oliveira, 2003), que implica em organização dos mesmos, dando sentido ao universo criado por meio do conhecimento dos afetos, emoções, valores e pensamentos. Isso pode ser evidenciado durante o processo de adaptação não só do adolescente recém-chegado, mas também no que tange a ordenação do grupo como um todo.

¹⁴ Vide apêndice.

¹⁵ Idem.

CONCLUSÃO

Diante de toda a reflexão feita, levantamento teórico e a aplicabilidade da pesquisa pode-se concluir que o sentido e a utilização do significado da linguagem do adolescente institucionalizado no CESAMI foi verificado de acordo com a proposta dos objetivos específicos aliados a problemática, seguindo os seguintes aspectos descritos abaixo.

Pôde-se visualizar que este tipo de linguagem configura um passaporte para a entrada em uma nova realidade e que como qualquer outra realidade é construída, desconstruída e reconstruída a cada novo adepto. Percebeu-se claramente diante da vivência prática e pelas entrevistas que tal linguagem mostra-se como o principal mecanismo mediador de relações interpessoais, sejam elas de cunho social ou afetivo. Além disso, notou-se que uma vez existente dentro dos grupos em questão a mesma representaria um novo papel: manutenção de vínculos estabelecidos.

Já em termos de adaptação, o que se presenciou foi que como toda e qualquer relação é construída com base na presença do outro, e que muitas vezes apresenta o modelo de referência na construção de nossos pensamentos, atitudes, idéias e comportamentos, delimitando elementos construtores de sua identidade.

Diante disso, vale frisar a importância da extensão desta pesquisa a fim de verificar com mais especificidade a origem deste código lingüístico, uma vez que na presente pesquisa não se obteve dados precisos ao certo para definir a origem desta linguagem. Segue em apêndice o glossário contendo exemplos de expressões da linguagem específica destes adolescentes, exemplos estes que surgiram do resultado da observação atenta e participante da pesquisadora a rotina dos adolescentes do CESAMI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abramovay, Mirian, Andrade, Carla Coelho de Rua, Maria das Graças & Waiselfisz, Julio Jacobo (2002). Gangues, Galeras, Chegados e Rappers. Rio de Janeiro. Garamond.

Arpini, Dorian Mônica (2003). Violência e exclusão: adolescência em grupos populares. Bauru, SP. EDUSC.

Assunção, C. V., Camilo, A. A. & Oliveira, M. C. S. L. de (2003). Tribos urbanas como contexto de desenvolvimento de adolescentes: relação com pares e negociação de diferenças. Psicologia da SPB; 11(1), 1-11.

Becker, Daniel (1985). O que é adolescência? São Paulo. Editora Brasiliense.

Borges, Lucivanda Cavalcante and Salomão, Nádia Maria Ribeiro (2003) Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. Psicol. Reflex. Crit.; 16(2): 327-336.

Dayrell, Juarez. (2002). O rap e o funk na socialização da juventude. Educ. Pesquisa; 28 (1): 117-136.

Dubar, Claude (1997). A Socialização: Construção das identidades sociais e profissionais. Portugal. Porto Editora.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (1998). Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro. Nova Fronteira.

Levisky, David Léo (1997). Adolescência e violência: consequências da realidade brasileira. Porto Alegre. Artes Médicas.

Manning, Sidney (1997). O desenvolvimento da Criança e do Adolescente. São Paulo. Ed. Cultrix.

Martins, Sueli Terezinha Ferreira (2003). Processo grupal e a questão do poder em Martín-Barô. Psicologia & Sociedade; 15(1); 201-217.

Minayo, Maria Cecília de Souza (org.), Deslandes, Suely Ferreira, Gomes, Romeu, Neto, Otávio Cruz (1994). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes.

Nunes, Mônica (2005). Idiomas culturais como estratégias populares para enfrentar a violência urbana. Ciência & Saúde Coletiva; 10 (2): 409-418.

Osório, L. C (1989). O que é adolescência afinal? Em Adolescência Hoje. Porto Alegre: Artes Médicas.

Outeiral, José (2003). Adolescer – Estudos Revisados sobre Adolescência. Rio de Janeiro. Editora Revinter Ltda.

Rocha, Eliza Emília Rezende Bernardo (2004). A Pesquisa Participante e seus Desdobramentos – Experiências em Organizações Populares. Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária. Belo Horizonte.

Santa-Clara, A. M. O, Ferro, T. C. & Ferreira, S. P. A. (2004). O papel da linguagem do pesquisador na construção da compreensão de um texto. Estudos Psicologia; 9 (2), 335-343.

Traverso-Yépez, Martha (1999). Os discursos e a dimensão simbólica: uma forma de abordagem à Psicologia Social. Estudos de Psicologia; 4(1): 39-59.

Vives Aguilera, Juan Antonio (1997). "Principios Inspiracionales" Revista ALBORADA, Departamento de Publicaciones de la Fundación Universitaria Luis Amigó, Colombia.

Vygotsky, L. S (1996). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo. Martins Fontes.

APÊNDICE

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

- 1) Observei que ainda no CESAMI os adolescentes costumam usar algumas palavras quando estão juntos no pátio conversando sobre acontecimento da rua, festa, amigos. Você concorda comigo?
- 2) Caso sim, em sua opinião, de onde surgiu esse modo de falar?
- 3) Existe diferença na forma de falar de quem está aqui no CESAMI e de quem está na rua? Explique.
- 4) Porque você acha que usam essa maneira de falar aqui?
- 5) E em casa, também se fala com essas palavras?
- 6) Você acha que todas as palavras que vocês falam são entendidas por todos?
- 7) Se não, quem não entende? Por quê?
- 8) O novato que chega ao CESAMI já sabe o que essas palavras significam?
- 9) Ele precisa saber falar do modo como vocês falam? Por quê?
- 10) E se ele não quiser aprender ou entender tais palavras, o que acontece?
- 11) Como você se sente em falar desse modo?
- 12) Quais os tipos de palavras que vocês mais utilizam entre vocês aqui? Cite alguns exemplos.

ENTREVISTA - SUJEITO 1 – 17 anos, Gama, Porte de Armas.

1) Observei que ainda no CESAMI os adolescentes costumam usar algumas palavras quando estão juntos no pátio conversando sobre acontecimento da rua, festa, amigos. Você concorda comigo?

Concordo sim...usa...

2) Caso sim, em sua opinião, de onde surgiu esse modo de falar?

Causa da malandragem né...tipo assim...na malandragem se...pá tem que usar tipo código, como se fosse código, muitas pessoas num entende as gírias...

3) Existe diferença na forma de falar de quem está aqui no CESAMI e de quem está na rua? Explique.

Existe... porque um pai de família mermo se ele tiver um revólver, ele já vai chama de arma e a gente que é da malandragem já chama de ferro né e isso aí já é gíria isso aí. Um pai de família ou um policial nunca vai chamá um revólver de ferro, vai chamá de arma... ele num vai fala como nós... rodou com um ferro... vai falar foi preso com uma arma... muitas gírias que rola né...

4) Porque você acha que usam essa maneira de falar aqui?

Eu acho assim que surgiu por causa quié até pá dispistá até a polícia às vezes também... é igual te falei... é como se fosse código... às vezes quando você tá fazendo negócio com um cara aí, pede uma droga...cê fala aí... cê vai pega um quilo de merla, uma droga, um quilo de maconha, cê nunca vai fala pra ele num telefone, porque a polícia pode às vezes grampeá... aí cê não vai fala traz aqui pra mim um quilo de maconha ou um quilo de merla... cê num vai fala assim... cê vai fala traz aqui pra mim um quilo de grama ou um quilo de creme...alguma coisa assim. A gente aprendi por causa de muita influência né... o cara vai aprendendo quando ele vai entrando cada vez mais na malandragem. Por exemplo, eu aprendi depois que meu pai morreu... comecei a entrar na vida do crime, comecei a robá... aprendi mermo o que é a malandragem. Antigamente assim... meu pai morreu e minha mãe morreu e

eu já conhecia os caras da malandragem, mas não se envolvia. Eu era um cara considerado, mas que não mexia com nada... era um pivete ainda moço. O que aconteceu, quando meu pai morreu, eu já descii na casa desse meu camarada... eu sabia que ele tinha revólver, droga e ele já tinha conversado comigo se eu não queria vende droga pra ele... aí depois que meu pai morreu eu peguei droga pra vende... comecei a meter os ferros... comecei a andar com os camaradas e com isso eu aprendi a falar assim... é tudo por conta de influência... tem sempre um pra te colocar e pra te ensinar...no meu caso foi o patrão. Mas outros caras vão aprendendo ao decorrer do dia-a-dia... vai vendo como é que é, vai vivendo no meio da malandragem... vai observando, vai ouvindo... cê ouve alguém falando, depois cê vai e se alembra... depois vai se acostumando... quando você pára para perceber cê já nem tá falando mais do mermo jeito que cê falava... sempre tem uma gíria.

5) E em casa, também se fala com essas palavras?

Pó às vezes né...já é costume né...

6) Você acha que todas as palavras que vocês falam são entendidas por todos?

Não... não é por todos não... tem muitos que cai de laranja e às vezes nem é malandro né... às vezes nem é malandro e quer fala gíria quié pra ser que nem malandro, mas num é falada por todos não... igual te falei... não é todos que falam não... tem alguns que quer entrá na malandragem e num é malandro, mais fala gíria para ser malandro e acaba tendo que falá.

7) Se não, quem não entende? Por quê?

Aquele que não tem envolvimento com a malandragem e com nós...

8) O novato que chega ao CESAMI já sabe o que essas palavras significam?

Tem muitos que não... mas tem muitos que sabem.

9) Ele precisa saber falar do modo como vocês falam? Por quê?

Precisa não né... porque tipo assim... o cara às vezes pode ser primário aqui, mas só que na rua ele já sabe o que é a malandragem toda... neguim dá a idéia pra ele na rua de como funciona a cadeia... neguim dá a idéia nele de como funciona... mais aí tem outros que já cai e num sabem de nada de nada mermo e quando chega aqui dentro às vezes se sente até mermo constrangido né.

10) E se ele não quiser aprender ou entender tais palavras, o que acontece?

Se ele, por exemplo... neguim fala tá na hora da xepa e ele falá tá na hora do jantar, neguim às vezes já podi até maia dele... se ele num quisé ele num vai ser obrigado, mais só que neguim vai fica pegando no pé dele direto né... igual tem muitos aí que neguim fica maiando, fica falando que o cara num é malandro, num é nada. Já na malandragem e aqui no CESAMI o cara tem que ser esperto né... em todos os sentidos... ele tem que sabe que a vida é assim, tem seus momentos pra tudo... tem sua hora pra tudo... tem que saber o que fala... tem a hora certa de brinca... tem a hora certa de estar sério. Ele também tem que aprende por conta das graves... porque se ele num aprende e der uma grave, por exemplo, na hora da xepa ou no dia de visita, ele vai parar no seguro né...

11) Como você se sente em falar desse modo?

É diferente né... porra... é a vida do crime... o paia dessa vida é isso aí, você tem que estar esperto toda hora... porque a vida do crime quando cê tá esperto e é um cara que tá ali, mais se chega um dia que você der uma grave, seus próprios camaradas podi te matar. Cê tem que sempre tá ligado. Cê tem ser daquele cara ali que mesmo que você é considerado por todos... um dia se você der uma grave... neguim por mais que ainda te considere, neguim sempre vai fica de segunda com você... ele vai te considera ainda, mas vai depende da sua grave... porque tem muito cara que é malandro considerado mais às vezes faz coisas erradas. Igual um cara da minha quebrada que era considerado, neguim meteu bala nele porque ele tava comendo a mulher de outro cara, sendo pé-de-pano e ele era considerado e não se ligou... por isso que eu digo que na vida do crime o cara tem que tá

esperto toda hora... aí é que entra a gíria... porque ele tem que fica esperto direto, direto... tem que ficar atento porque qualquer vacilo neguim já quer cobrá o cara né... por isso que pra muitos aqui na cadeia eu passo o pano pro cara, se o cara der uma grave eu já dou uma voz por ele... neguim já quer adiantar o cara porque ele não tá pela ordem e você já dá uma voz pelo cara dizendo que ele não vai se adianta não.

12)Quais os tipos de palavras que vocês mais utilizam entre vocês aqui? Cite alguns exemplos.

Dona – namorada; Moleque doido – cara malandro, cara esperto e que nunca dorme no ponto; Dá a letra – dizer coisas certas; Camarada – amigo só que na vida do crime não se fala amigo, se fala camarada; Dá uma voz – defender; O cara se adiantar – pedir seguro; Pé de pano – cara que sai com mulher casada; Considerado – respeitado; Ferro – arma; Grama – maconha; Creme – merla; Patrão – traficante; Maiá – sacanear; Grave – fazer algo de errado; Não tá pela ordem – não anda muito certo.

ENTREVISTA - SUJEITO 2 – 17 anos, Planaltina, Roubo.

1) Observei que ainda no CESAMI os adolescentes costumam usar algumas palavras quando estão juntos no pátio conversando sobre acontecimento da rua, festa, amigos. Você concorda comigo?

Concordo... de boa

2) Caso sim, em sua opinião, de onde surgiu esse modo de falar?

Da rua mermo...dos outros fica falando perto de mim também... aí fico ouvindo, só ouvindo os outros falarem.

3) Existe diferença na forma de falar de quem está aqui no CESAMI e de quem está na rua? Explique.

Não existe diferença não dos malandros daqui do CESAMI e dos lá de fora na forma de falar...é a da merma maneira.

4) Porque você acha que usam essa maneira de falar aqui?

Ah... pra enganá mais né... a polícia, os bichos da rua (fofoqueiro)...de camufla o palavreado que nós fala.

5) E em casa, também se fala com essas palavras?

Não... porque aí tem que saber diferencia né... e eu sei diferencia porque em casa minha mãe não gosta muito de gírias não... quando eu solto sem querer alguma, ela briga comigo... quando eu não to em casa ou em qualquer lugar eu só falo gíria.

6) Você acha que todas as palavras que vocês falam são entendidas por todos?

Nem todo mundo... só quem convive assim mais com nós mermo é que entende... os vagabundos como eles (a polícia) chamam por aí...

7) Se não, quem não entende? Por quê?

Assim... as pessoas que são de bem... que não se envolve na malandragem.

8) O novato que chega ao CESAMI já sabe o que essas palavras significam?

Tem gente que sabe, tem gente que não sabe... tem uns que ficam viajando quando nós fala, mais depois começa a entender. Aí eles vão prestando mais atenção nas conversa, vão observando, aí aprende mais rápido... a gente explica... tipo assim... na conversa quando o cara vê e não entende, a gente explica o significado das gírias.

9) Ele precisa saber falar do modo como vocês falam? Por quê?

Precisar não precisa não... mais se ele quisé aprendê nós ensina de boa...

10) E se ele não quiser aprender ou entender tais palavras, o que acontece?

Não... claro que não... não acontece nada... vai depende do querer dele né...

11) Como você se sente em falar desse modo?

Pra alguns não é bonito não, mais eu acho bonitinho... porque é como eu te falei... é para desbaratinar os caras... para mexer com a cabeça das pessoas... é isso... pra deixar ela sem saber o que é que falamos.

12) Quais os tipos de palavras que vocês mais utilizam entre vocês aqui? Cite alguns exemplos.

As minas – mulher; Pé de bota – polícia; Xepa – comida; Bicudos da rua – fofoqueiros; Desbaratinar – confundir.

ENTREVISTA - SUJEITO 3 – 16 anos, Paranoá, Roubo.

1) Observei que ainda no CESAMI os adolescentes costumam usar algumas palavras quando estão juntos no pátio conversando sobre acontecimento da rua, festa, amigos. Você concorda comigo?

Concordo sim...

2) Caso sim, em sua opinião, de onde surgiu esse modo de falar?

Eu acho que nas ruas né... eu acho que... quando começou assim... não era para ser especificamente assim quem fala gíria entendeu... é isso, é aquilo entendeu... tipo assim... eu acho que começou quando alguém... sei lá... queria bota um nome diferente assim em alguma coisa...tal...aí...só que aí...eu acho que os malandros como dizem por aí... se adaptou e ficou querendo coloca um nome diferente para tais coisas...

3) Existe diferença na forma de falar de quem está aqui no CESAMI e de quem está na rua? Explique.

Eu acho que existe... a diferença que existe é que o cara já... lá fora já existe sociedade, com pessoas que trabalham que são mais certas, assim como aqui também existe... mas aí quando chega aqui o bagulho é mais bagunçado, porque já sabe que todo mundo aqui mata, robá, todo mundo faz coisa errada entendeu... todo mundo é do crime... aí então se eu falá desse jeito todo mundo vai me entender... porque se eu chegar e falá uma coisa assim... aquele sujeito tem um pensamento muito cético...cê acha que ele vai me entende, num vai... né... então tem que chega e falá do jeito deles mesmo e aí já pega mais... já aprende mais, porque ninguém sabe todas as gírias...pelo menos eu acho que não.

4) Porque você acha que usam essa maneira de falar aqui?

Eu uso esse tipo de linguagem por conviver entre essa linguagem entendeu? Tipo assim... tem muita gente falando assim perto de mim... aí tal... aí eu comecei a falar assim também. Aprendi a falar assim por aprender mesmo... eu acho que não tem um propósito não.

5) E em casa, também se fala com essas palavras?

Não...em casa eu também uso...eu uso a gíria entendeu, mas não é da mesma forma que eu falo na rua, porque na rua já é diferente.

6) Você acha que todas as palavras que vocês falam são entendidas por todos?

Não... eu não acho que não é entendido por todos não.

7) Se não, quem não entende? Por quê?

Ah, por exemplo, se eu chega na minha mãe e falá alguma coisa assim... mãe eu usei o boi lá do girassol... aí minha mãe já não vai sabe o que é que é... minha mãe, minha vizinha, parente meu que nunca estiveram presos num vai entende o que to falando.

8) O novato que chega ao CESAMI já sabe o que essas palavras significam?

Não... tudo que a gente fala não vai entender... agora uma parte delas sim. Num é que eu faço o novato entender, ele é que se tiver interessado na nossa conversa ele é que tem que se esforça né, perguntando o que eu to falando, o que significa isso, o que significa aquilo. Ele perguntando, ele vai se adaptando entendeu... aí ele já vai passar a saber. Ele vai se adaptar convivendo com os outros e a convivência acontece no contato com um amigo, preso ou não... pessoas que vivem em seu redor.

9) Ele precisa saber falar do modo como vocês falam? Por quê?

Não... tipo assim... cada um fala de um jeito assim... cada um fala de um jeito diferente do outro.

10) E se ele não quiser aprender ou entender tais palavras, o que acontece?

Não acontece nada...tudo depende dele... se ele quiser aprendê ou não quiser aprendê...depende do cara.

11) Como você se sente em falar desse modo?

Eu me sinto normal... causa que eu convivi e convivo com isso e me adaptei entendeu...

12) Quais os tipos de palavras que vocês mais utilizam entre vocês aqui?
Cite alguns exemplos.

Disco – lata de merla; Bright – cocaína; Bagulho – assunto; Boi – vaso sanitário; Girassol – Turma de adolescentes do Seguro do CESAMI.

**ENTREVISTA - SUJEITO 4 – 17 anos, São Sebastião, Roubo, Homicídio e
Tentativa de Homicídio.**

1) Observei que ainda no CESAMI os adolescentes costumam usar algumas palavras quando estão juntos no pátio conversando sobre acontecimento da rua, festa, amigos. Você concorda comigo?

Concordo sim...

2) Caso sim, em sua opinião, de onde surgiu esse modo de falar?

Na rua, das favelas da periferia... vendo as pessoas que moram lá falando assim e aí nós fala também... a gente vai escutando os outros falando e aí vai aprendendo...porque na comunidade onde nós mora só tem bandido e é assim que nós aprende o sotaque...observando os malandros mais antigos.

3)Existe diferença na forma de falar de quem está aqui no CESAMI e de quem está na rua? Explique.

Não tem diferença não...

4) Porque você acha que usam essa maneira de falar aqui?

Causa do lugar que a gente mora né... muito malandro falando tudo desse jeito e aí a gente também fala... algumas vezes a gente fala em código né, pras pessoas que estão mais colado com nós entender o que nós fala... só a gente mermo entende o que nós fala...quando nós fala com uma pessoa que fala gíria, a gente se entende melhor.

5) E em casa, também se fala com essas palavras?

Falo... já é costume...pra mim já é normal. É o meu português claro...mas quando quero falar sem gíria também falo. Se quero levar alguém na conversa eu falo sem gíria.

13)Você acha que todas as palavras que vocês falam são entendidas por todos?

Todos não... mas mais da maioria sim...

14) Se não, quem não entende? Por quê?

Quem não fala do mermo jeito que a gente, com as mesmas gírias....quem não tá na malandragem.

15) O novato que chega ao CESAMI já sabe o que essas palavras significam?

Alguns já sabem, agora outros aprendem aqui...

16) Ele precisa saber falar do modo como vocês falam? Por quê?

Precisa não, mais ele vê nós conversando, ele vai aprendendo. Quando ele num sabe e ele pergunta, nós dá a idéia de como funciona o bagulho. Se ele moscar nós passa o lençol e manda para a cidade do pé junto ou para o seguro.

17) E se ele não quiser aprender ou entender tais palavras, o que acontece?

A gente não ensina nem aqui dentro e nem na rua... já é tipo um sotaque mermo...tipo que nem o baiano falando esquisito. Se ele não quiser aprender a falar assim não acontece nada, só vai ter muita meia hora com ele né... agora se ele não quer aprender a falar assim e der uma grave, aí ele vai parar no seguro né.

18) Como você se sente em falar desse modo?

Eu já me sinto normal já...já to acostumado já...desde pequeno que falo assim...pra mim já não faz diferença... só que de vez em quando a gente fala perto de quem não fala assim, a pessoa fica olhando de segunda, achando estranho.

19) Quais os tipos de palavras que vocês mais utilizam entre vocês aqui? Cite alguns exemplos.

Ficar mais colado – estar mais em contato; Meia Hora – brincadeiras, zoação; Ficar de segunda – ficar diferente; Moscar – vacilar; Passar o lençol – matar; Cidade do pé junto – cemitério; Bagulho – assunto.

CATEGORIZAÇÃO

| Origem da forma de Linguagem | Utilização da Linguagem | Formas de Aprendizado da Linguagem | Adaptação do Novato a Linguagem |
|--|--|--|--|
| <p>Sujeito 1 – “Causa da malandragem né...”.</p> <p>Sujeito 2 – “Da rua mermo...”</p> <p>Sujeito 3 – Eu acho que nas ruas né...”</p> <p>Sujeito 4 - Na rua, das favelas da periferia”.</p> | <p>Sujeito 1 – “causa quié até pá dispistá até a polícia às vezes também... é como se fosse código...”.</p> <p>Sujeito 2 – “Ah... pra enganá mais né... a polícia, os bicudos da rua (fofoqueiro)...de camufla o palavreado que nós fala”.</p> <p>Sujeito 3 – “aí então se eu falá desse jeito todo mundo vai me entender...”</p> <p>Sujeito 4 – “a gente fala em código né, pras pessoas que estão mais colados com nós entender o que nós fala...”</p> | <p>Sujeito 1 – “eu aprendi a falar assim... é tudo por conta de influência... tem sempre um pra te colocar e pra te ensinar. Mas outros caras vão aprendendo ao decorrer do dia-a-dia... vai vendo como é que é, vai vivendo no meio da malandragem... vai observando, vai ouvindo... cê ouve alguém falando, depois cê vai e se lembra...”</p> <p>Sujeito 2 – “aí fico ouvindo, só ouvindo os outros falarem”.</p> <p>Sujeito 3 – “Eu uso esse tipo de linguagem por conviver entre essa linguagem entendeu? Tem</p> | <p>Sujeito 1 – “Já na malandragem e aqui no CESAMI o cara tem que ser esperto né... em todos os sentidos. Ele também tem que aprende por conta das graves... porque se ele num aprende e der uma grave, por exemplo, na hora da xepa ou no dia de visita, ele vai parar no seguro né...”</p> <p>Sujeito 2 – “tem uns que ficam viajando quando nós fala, mais depois começa a entender. Aí eles vão prestando mais atenção nas conversa, vão observando, aí aprende mais rápido... a gente explica... tipo</p> |

| | | |
|--|--|---|
| | | <p>muita gente assim... na falando assim conversa quando o perto de mim...aí cara vê e não eu comecei a falar entende, a gente assim também”. Sujeito 4 – “a gente vai significado das escutando os gírias”. outros falando e Sujeito 3 – “ele é vai aprendendo...” que se tiver interessado na nossa conversa ele é que tem que se esforça na, perguntando o que eu to falando, o que significa isso, o que significa aquilo. Ele perguntando, ele vai se adaptando entendeu... aí ele já vai passar a saber. Ele vai se adaptar convivendo com os outros”. Sujeito 4 – “ele vê nóis conversando, ele vai aprendendo. Quando ele num sabe e ele pergunta, nóis dá a</p> |
|--|--|---|

| | | | |
|--|--|--|---|
| | | | <p>idéia de como funciona o bagulho”.</p> |
|--|--|--|---|

Glossário

- “22”: doido, maluco
- “5 furo”: arma
- “A chala tá muda”: não tem ninguém em casa
- “A lata vai tremer”: as portas dos alojamentos vão balançar muito quando forem batidas
- “Açougueiro”: aquele que mata com faca
- “Adiantar cigarro, dinheiro”: conseguir cigarro, dinheiro para alguém.
- “Aquele cara é mela doida”: pessoa agoniada para usar drogas
- “Arroz”: merla
- “As jacks”: jaqueta
- “Assistir uma tela”: assistir TV
- “Babá de malandro”: educadores do Cesami
- “Badaga”: cheirar cola
- “Bagulho” – assunto; cigarro de maconha.
- “Banda voou, piriguete”: mulher fácil
- “Bater na lata”: chutar a porta do alojamento
- “Bater uma broca”: comer
- “Bateu neurose”: fiquei triste, chateado.
- “Bereguedê”: gatilho da arma
- “Berma”: bermuda
- “Besouro sem asa”: bala
- “Bichão”: seguro
- “Bicudos da rua” – fofoqueiros.
- “Biongo, barraco”: casa, alojamento.
- “Bobo”: relógio
- “Boi”: vaso sanitário
- “Bombeta, boina”: boné.
- “Botar na mão”: dar de presente
- “Bote um ratatá”: pedir para colocar uma fila de cocaína
- “Bright” – cocaína.
- “Bura, barca, caixa”: carro de polícia.
- “Burro preto”; camburão.

- “Cabecinha”: novato nas drogas
- “Cabrito, X-9, cagüete, calarico, alemão, capa de pistola”: aquele que delata ou entrega o outro.
- “Cabuloso que nem cheiroso: afoito; folgado
- “Cabuloso”: estranho
- “Cair”: ser preso
- “Camarada” – amigo só que na vida do crime não se fala amigo, se fala camarada
- “Camela”: bicicleta
- “Carcará” – helicóptero da polícia
- “Careta”: Cigarro
- “Carreta”: carro
- “Cartucheira”: ânus
- “Casinha”: armadilha
- “Catatau”: carta
- “Cavalo doido”: roubar uma pessoa utilizando a mão por debaixo da blusa como arma
- “Cecília”: semente da maconha
- “Chernobyl”: leite
- “Chicão”: chinelo
- “Chico Doce”: Cacete do Policial
- “Cidade do pé junto” – cemitério
- “Cobal”: cara que leva comida para quem está na cadeia
- “Cobrar”: pegar na porrada
- “Coitados”: aqueles que não se inturmam
- “Comédia”: dar uma de engraçado
- “Cometer grave”: fazer coisas erradas enquanto estiver preso ou na frente das visitas (peidar, arrotar, “xingar” a mãe, pedir descarga enquanto come, ficar encarando visita dos outros).
- “Coruja”: cueca
- “Cospe chumbo”: arma
- “Curtir lombra”: ficar viajando
- “Curtir um frevo”: sair para curtir

- “Dá a letra” – dizer coisas certas.
- “Dá idéia”: diga o que você quer, pode dizer.
- “Dá uma voz” – defender.
- “Daquele jeito”: daquele modo
- “Dar flagrante”: ser pego com a arma ou droga
- “Dar um pinote”: fugir
- “Dar um teco”: cheirar cocaína
- “Deixar baixo”: esquecer o assunto
- “Demorô”: pode vir; intimar para brigar ou fazer coisas erradas.
- “Desbaratinar” – confundir.
- “Disco” – lata de merla.
- “Dona”: namorada
- “Dragão”: aquele que fuma muito
- “É canseira”: tá difícil
- “É de rocha”: cara legal, é isso mesmo, de verdade.
- “É ruera”: ir para casa quando sai da prisão
- “É só na numerada”: aviso de que quer comprar drogas
- “É visiteira”: é dia de visita
- “Embalista”: aquele que empata/atrapalha as coisas.
- “Entrar numa seqüência”: roubar ou fazer algo bom
- “Esparrar”: espalhar algum assunto
- “Esperepeto”: espeto; arma fabricada na cadeia
- “Espeto”: arma fabricada na cadeia
- “Esse cara é correria”: pessoa que faz favores
- “Esse malandro é afoito”: indivíduo que quer se destacar mais do que o outros.
- “Estou empenhado”: estou sem cigarro, sem dinheiro, de castigo.
- “Farinha, pó”: cocaína.
- “Fazer jogo”: comercializar coisas, trocas objetos.
- “Fazer tapioca”: ter relações sexuais.
- “Fazer um corre”: roubar, fazer um favor.
- “Ferro, máquina, quadrada”: arma.
- “Ficar de regalia”: ficar fora dos alojamentos em atividades
- “Ficar mais colado” – estar mais em contato

- “Ficar na pedra, pedrosa”: quando o homem fica muito tempo sem ter relações sexuais.
- “Ficar na tranca”: ficar nos alojamentos
- “Ficar turrando”: ficar enchendo o saco
- “Fumar um fino”: fumar cigarro de maconha
- “Gambé”: polícia
- “Grampeado”: algemado
- “Guerra, rixa”: ter problemas com outras pessoas.
- “Jaca”: Bunda
- “Jackão”: quem comete estupro
- “Jega”: cama
- “Kenner”: sandália
- “Larica, brocado”: com fome.
- “Lupa”: óculos
- “Mano, truta”: irmão, parceiro.
- “Mão grande”: Limpar a pessoa (furto)
- “Marafa, feijão, bagulho”: maconha.
- “Marroco”: pão
- “Mascar”: quando a arma não dispara, o projétil não sai da arma.
- “Meia-hora”: brincadeira inadequada
- “Molekin”: homossexual
- “Moleque doido”: pessoa gente boa, cara esperto e que nunca dorme no ponto.
- “Morgado”: Pessoa que está com preguiça
- “Mosca de boi”: lerdo
- “Moscar”: não prestar atenção
- “Na calada”: fazer algo sem alguém saber
- “Na continuada é nós”: mais para frente
- “Novidade”: não me diga
- “O bagulho é sério”: o assunto é sério
- “O cara é passa mal”: o cara ou é muito idiota ou legal.
- “O cara se adiantar” – pedir seguro.
- “Pacotador”: pessoa que enrola e não faz nada
- “Paga sapo”: arma de brinquedo

- “Pagar homicídio”: ficar encarando, intimidar com os olhos.
- “Pagar madeira”: puxar o saco
- “Pancada”: pessoa que está drogada
- “Panos”: roupa
- “Pão-de-queijo”: lata de merla
- “Parasita”: aquele que não faz nada para ninguém
- “Parceria”: parceiro
- “Parte”: pó
- “Passar a bola”: passar o cigarro de maconha para outro fumar
- “Passar o lençol” – matar.
- “Passar o lençol”: enforcar
- “Passar o pano”: guardar segredo, dar uma olhada em algo que o adolescente faz.
- “Pasta”: merla
- “Patifaria”: pessoa falsa, traíra.
- “Patrão”: traficante.
- “Pé de pano”: aquele que dá em cima de mulher comprometida
- “Pederasta”: aquele que fala sacanagem
- “Pé-inchado”: aquele que bebe muito
- “Peita”: camisa
- “Piar leitura”: chegar a leitura de sentença
- “Pisante”: tênis
- “Pó ronco”: fabricar um cigarro com o fumo dos restos de cigarros fumados
- “Pode crê”: beleza
- “Polinta”: ficha da pessoa
- “Potoca na cadeia”: contar mentiras
- “Prata”: colar, pulseira, anel.
- “Puxada”: tempo ou quantidade de vezes em que ficou preso
- “Qual é veio = qual foi”: o que foi
- “Quebrada”: Lugar onde o adolescente mora
- “Radiola de malandro”: alguém que fica cantando na ala, alguém que fala demais.
- “Rato cinza, pé de bota, canas, os homens”: policiais.

- “Rato de mocó”: pegar coisas escondidas
- “Rodei num 155”: fui preso num furto
- “Rodei num 157”: fui preso num roubo
- “Rodei num latrô”: fui preso num latrocínio
- “Rodoviária”: pivete
- “Roupinado”: drogado de rophinol
- “Ruela, comédia”: fuleiro.
- “Se liga malandro”: preste atenção
- “Se liga na fita”: preste atenção no que está acontecendo
- “Se... pã”: se... de repente
- “Sentar o dedo”: atirar
- “Ser güelado”: ser sentenciado para o CAJE
- “Sustenta”: agüenta no sentido de se engajar numa tarefa.
- “Tá com a bruta”: tá com AIDS
- “Tá com sangue no olho”: o cara que está disposto a tudo e não dá mole.
- “Tá de vingança”: ta com raiva
- “Tá ligado, sacou?”: ta prestando atenção; entendeu.
- “Tá me tirando”: ta me ignorando
- “Tá moscando”: ta lerdando
- “Tá na hora de xepar”: tá na hora de comer
- “Tá no veneno”: tá com raiva.
- “Tá pela ordem”: ta tudo certo
- “Tá vacilando”: ta falando coisa errada
- “Telando”: ficar olhando
- “Tereza”: corda que confeccionam para acender cigarro
- “To arriado”: to apaixonado
- “Tô de boa”: eu to bem; ta tudo bem.
- “Tomar bacu”: ser revistado
- “Tomar um bote”: ser pego pela polícia ou bandido
- “Tomar um capote”: cair
- “Tramontina”: faca
- “Traz a função”: trazer qualquer tipo de arma
- “Trocar idéia”: conversar

- “Vai deixar na mão”: vai deixar sozinho
- “Vai entrar numa, meter fita”: roubar.
- “Véu”: seda para o cigarro de maconha
- “Vida loka”: malandragem
- “Você tá de segunda comigo”: você está diferente comigo
- “Xepa”: comida
- “Xerifão”: aquele que quer mandar em tudo
- “Zangão, mela doida, abelha”: usuário de merla.
- “Zinca”: azar, coisa ruim.
- “155 nervoso”: roubar de quem está descuidado